



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023 E 2024
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS



Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, quinta-feira, 31 de julho de 2025

3ª temporada - 2025

2ª edição

Região Central
Vale do Taquari
Vale do Rio Pardo
Vale do Jaguari
Jacuí Centro

Migração de populações e de negócios marca o pós-cheias na macrorregião central do RS

Movimento desencadeado após a enchente de 2024 ocorre especialmente na Região do Vale do Taquari; com escassez de áreas para indústria, Lajeado (foto) aposta em inovação, enquanto Teutônia recebeu 800 empresas em um ano



PREFEITURA DE LAJEADO/DIVULGAÇÃO/JC

Principal município do Vale do Taquari, Lajeado identificou a inovação, os serviços de saúde e o setor de alimentos como principais vocações



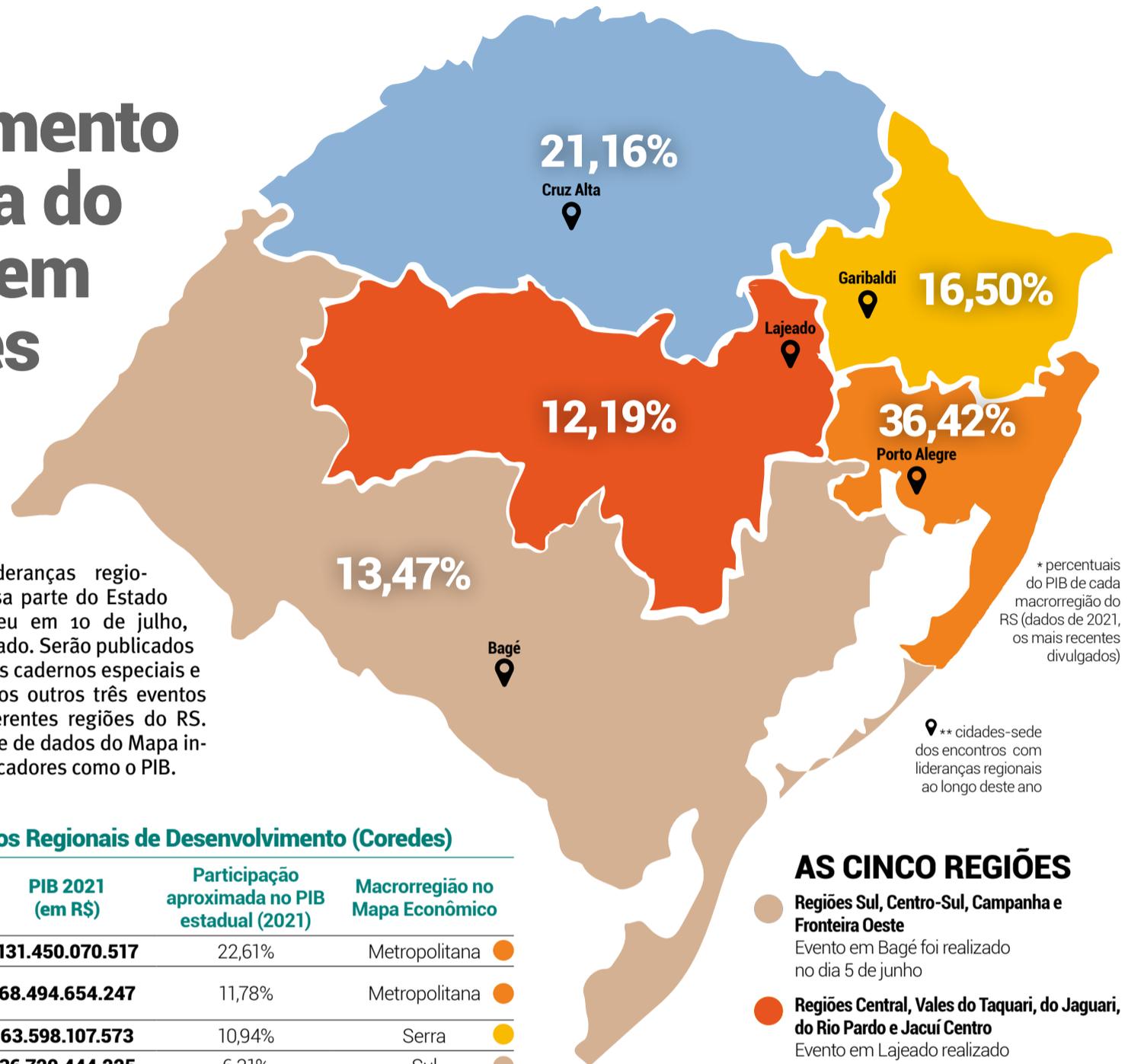
Panorama

Um levantamento da economia do RS dividida em cinco regiões

Terceira temporada do Mapa Econômico do RS faz raio-x atualizado das cadeias produtivas e das riquezas em solo gaúcho

Pelo terceiro ano consecutivo, o Jornal do Comércio promove o mapeamento da economia do Rio Grande do Sul. Esta é a segunda edição de 2025, e abrange as Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguarí e Jacuí Centro. O evento para discutir

com lideranças regionais essa parte do Estado aconteceu em 10 de julho, em Lajeado. Serão publicados mais três cadernos especiais e realizados outros três eventos nas diferentes regiões do RS. A análise de dados do Mapa inclui indicadores como o PIB.



Ranking do PIB gaúcho por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

Corede	PIB 2020 (em R\$)	PIB 2021 (em R\$)	Participação aproximada no PIB estadual (2021)	Macrorregião no Mapa Econômico
1. Metropolitana	116.084.255.683	131.450.070.517	22,61%	Metropolitana
2. Vale do Rio dos Sinos	59.233.708.601	68.494.654.247	11,78%	Metropolitana
3. Serra	52.294.019.824	63.598.107.573	10,94%	Serra
4. Sul	27.645.628.740	36.720.444.225	6,31%	Sul
5. Produção	18.621.516.955	24.354.041.158	4,18%	Norte
6. Vale do Rio Pardo	19.988.093.490	21.645.354.271	3,72%	Central e Vales
7. Fronteira Oeste	15.487.155.820	21.231.942.476	3,65%	Sul
8. Vale do Taquari	16.258.628.398	19.115.555.723	3,28%	Central e Vales
9. Central	14.647.908.978	18.757.007.907	3,22%	Central e Vales
10. Alto Jacuí	9.449.984.415	14.526.251.622	2,49%	Norte
11. Norte	11.214.782.463	13.897.181.840	2,39%	Norte
12. Missões	9.453.068.127	13.232.531.615	2,27%	Norte
13. Noroeste Colonial	8.917.363.720	12.844.006.894	2,20%	Norte
14. Fronteira Noroeste	9.484.853.659	12.137.831.514	2,08%	Norte
15. Litoral	10.184.847.099	11.811.339.332	2,03%	Metropolitana
16. Campanha	7.786.239.621	11.096.358.234	1,9%	Sul
17. Vale do Caí	8.395.630.081	11.052.395.600	1,9%	Serra
18. Centro-Sul	7.240.751.703	9.398.634.217	1,61%	Sul
19. Nordeste	5.740.140.861	8.128.972.215	1,39%	Norte
20. Paranhana e Encosta da Serra	6.795.365.918	7.673.898.249	1,32%	Serra
21. Rio da Várzea	5.166.138.902	7.188.396.174	1,23%	Norte
22. Hortênsias	5.388.082.468	6.975.537.074	1,2%	Serra
23. Campos de Cima da Serra	4.707.328.161	6.640.685.035	1,14%	Serra
24. Celeiro	4.879.577.485	6.403.388.242	1,1%	Norte
25. Jacuí Centro	4.064.963.490	6.174.083.601	1%	Central e Vales
26. Médio Alto Uruguai	5.224.562.627	6.170.642.049	1%	Norte
27. Vale do Jaguarí	3.589.507.430	5.692.618.848	0,97%	Central e Vales
28. Alto da Serra do Botucarái	2.997.741.322	4.871.746.860	0,83%	Norte

AS CINCO REGIÕES

- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Bagé foi realizado no dia 5 de junho
- Regiões Central, Vales do Taquari, do Jaguarí, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
Evento em Lajeado realizado no dia 10 de julho
- Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
Evento em Garibaldi será em 7 de agosto
- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucarái, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
Evento em Cruz Alta será em 9 de outubro
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
Evento em Porto Alegre será realizado no dia 10 de novembro

Os dois maiores PIBs entre os 28 Coredes – organização regional utilizada pelo Estado há mais de 30 anos – estão na macrorregião Metropolitana. A **Região Metropolitana, onde está Porto Alegre, lidera, com 22,61% do PIB do RS**, seguida pelo Vale do Sinos, com 11,78%. A outra microrregião desta área, o Litoral, tem um PIB menor, mas registra forte crescimento populacional. Os dados são de 2021.

A Região Norte vem crescendo nos últimos anos e já se tornou a segunda maior economia entre as macrorregiões deste Mapa Econômico. A **Região da Produção, onde está Passo Fundo, tem o maior PIB entre as 11 microrregiões do Norte do RS**.

A **Região da Serra desponta com o terceiro maior PIB** entre os 28 Coredes, representando 10,94% da economia gaúcha. Com outras microrregiões desta parte do Estado, chega a 16,50% do PIB.

As **Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste** têm 13,47% do PIB gaúcho, com amplo potencial de crescimento.

O menor PIB entre as 5 macrorregiões está na área central, tema deste capítulo do Mapa Econômico, com 12,19%, mas as **Regiões Central e dos Vales crescem mais** do que outras proporcionalmente.



**Há um lugar
onde seu
negócio
tem futuro.
Esse lugar
é aqui.**

O futuro já começou e,
nele, o Rio Grande do Sul
está ainda mais forte.

Com o Rio Grande do Futuro, plano de desenvolvimento econômico, inclusivo e sustentável, fazer negócios ficou ainda mais fácil e atrativo. A desburocratização e a criação de um ecossistema favorável para investir e empreender geram um

Ambiente de Negócios com grande valor estratégico para o Estado. Tudo para consolidar o Rio Grande do Sul como um polo de atração de investimentos, gerando ainda **mais empregos, renda e crescimento.**



ACESSE O QR CODE PARA
CONHECER MELHOR O PLANO
E TODAS AS AÇÕES.

**RIO
GRANDE
DO
FUTURO**



Carta do editor

Área central do RS passa por transformações



Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

Na radiografia que preparamos sobre a economia do Rio Grande do Sul em 2025, uma das grandes expectativas está na Região Central e dos Vales, tema deste capítulo do Mapa Econômico do RS. A atenção é direcionada especialmente à área que foi o epicentro de eventos climáticos extremos em 2023 e 2024, notadamente o Vale do Taquari.

Além da reconstrução e de iniciativas voltadas à retomada, um ponto de atenção é o comportamento da atividade econômica e da população nesta parte do solo gaúcho, considerando que milhares de pessoas e negócios foram duramente afetados pelas enchentes.

O dado populacional tem uma atualização mais demorada, e o último indicador oficial é o Censo do IBGE de 2022. Ainda assim, alguns municípios perceberam uma significativa perda populacional no último ano, após as cheias. Mesmo no cenário climático adverso, outras cidades viram um crescimento

no número de habitantes, o que reflete migrações internas no Vale do Taquari.

O caso emblemático é de Teutônia, que por características geográficas foi menos afetada pelas enchentes. Em um ano, o município recebeu 800 novas empresas e cerca de 3 mil moradores, crescimento que já muda a realidade econômica local.

Mas a boa notícia mesmo veio no indicador de empregos formais, dado que tem uma atualização mensal pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), e mostra que, um ano após a enchente, o estoque de empregos – isto é, o número total de postos de trabalho formais – aumentou nas cinco microrregiões do Estado abordadas nesta edição: Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguarí e Jacuí Centro.

O crescimento na soma dessa parte do Rio Grande do Sul foi de 1,5%, abaixo da média total do Estado, que elevou em 2,4% as vagas entre abril de 2024 e abril de 2025. Ainda assim, é um dado positivo, especialmente pelo grave efeito das chuvas concentradas nessa região.

Região dos Vales, mais afetada por cheias, busca novos caminhos na inovação e vive mudanças com migração de pessoas e negócios

O interessante é que até mesmo o Vale do Taquari conseguiu manter o estoque de empregos, com uma variação positiva de 0,68% em 12 meses. Falta inclusive mão de obra na região, queixa apresentada por diversos empresários e lideranças regionais, que participaram do encontro realizado pelo Jornal do Comércio em 10 de julho, na Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil) para debater desafios e oportunidades ao desenvolvimento econômico.

Empresas dos mais diversos setores encontram dificuldades para preencher o quadro de funcionários, com placas e faixas de “contrata-se” fazendo parte da paisagem em diferentes municípios. A falta de qualificação é um dos entraves, por isso, investimentos e oportunidades de formação são decisivos.

Mas também há relatos de que falta gente por carência de moradias em algumas cidades – embora tenham sido disponibilizados recursos, as obras para a construção de novos loteamentos e casas demoram mais a sair do papel do que o desejável.

Neste cenário, cabe observar que a mobilização de verbas direcionadas à reconstrução movimentam a economia e eleva, num primeiro momento, o Produto Interno Bruto (PIB), que mede o fluxo da atividade econômica. As perdas de estoque, como máquinas e sedes de empresas atingidas terão ainda efeitos sobre a economia também no médio e longo prazos.

Em meio à adversidade, dois fatores ajudam a Região dos Vales: a atenção geral de todo o Rio Grande do Sul e até do Brasil que a tragédia climática despertou e, especialmente, o associativismo, que reúne lideranças de dezenas de municípios, envolvidas no trabalho de reconstrução.

As obras em pontes, com gestão própria e captação de recursos de grandes empresas gaúchas inclusive de fora da região, são o emblema desse trabalho comunitário, para retomar a infraestrutura, outro ponto decisivo para a competitividade e que já era um desafio antes das enchentes.

As importantes obras de duplicações de rodovias concedidas nessa macrorregião central, a BR-386 e a RSC-287, sofreram atrasos em virtude das cheias, com obras voltadas à reconstrução de trechos. Mas agora devem deslançar, com partes dessas estradas ampliadas, atraindo novos negócios, como centros logísticos em Estrela.

Em termos de oportunidades, a inovação é apontada como um novo vetor da economia das Regiões Central e Vales, que contam com importantes universidades e parques tecnológicos. Além de fomentar novos negócios – que em alguns casos nascem como startups –, podem impulsionar a matriz econômica tradicional, como a indústria de alimentos e bebidas, a mais importante do Rio Grande do Sul.

O resultado deste Mapa Econômico do RS é um panorama

das diferentes cadeias produtivas, mostrando a riqueza e a diversidade do Estado, bem como janelas de oportunidades para estimular o desenvolvimento. Mais do que isso, a iniciativa busca, com jornalismo de dados, cruzar informações e criar novos indicadores sobre o presente da economia gaúcha, permitindo mais precisão no planejamento do futuro do Estado.

Seguiremos, até o fim deste ano, percorrendo o Rio Grande do Sul em novos encontros com lideranças regionais, produzindo mais três conteúdos especiais sobre as demais macrorregiões.

Depois de termos passado por Bagé (macrorregião Sul) e Lajeado (macrorregião Central), o cronograma prevê o próximo evento para o dia 7 de agosto em Gabibaldí, quando serão debatidas as Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí.

Em outubro, iremos a Cruz Alta, para identificar as transformações nas Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí.

O Mapa Econômico do RS fecha o ciclo de debates em novembro, com um painel em Porto Alegre, em que discutiremos as Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.

Até lá, seguiremos publicando novas informações sobre a economia das regiões, como fazemos nesta edição. Boa leitura!

EXPEDIENTE

■ **Editor-Chefe:**
Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

■ **Editores-executivos:**
Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br
Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

■ **Reportagem:**
Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br
Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

■ **Diagramação:**
Ingrid Müller
Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

PIBs regionais do RS e percentual no Brasil	páginas 2, 6 e 7	Investimentos em energia e saneamento	página 19
Dados sobre as populações das regiões	página 8	Indústria de alimentos e bebidas	páginas 20 e 21
Dados sobre o trabalho nas regiões	páginas 10 e 11	A força da indústria no Vale do Rio Pardo	páginas 22 e 23
Migração pós-enchente no Vale do Taquari	página 12	A produção de grãos na faixa central do RS	página 24
Recuperação econômica em Lajeado	página 13	Silvicultura associada ao tabaco avança	página 25
A duplicação de rodovias no Centro do RS	página 14	A bacia leiteira e a fabricação de erva-mate	página 26
Novos centros logísticos em Estrela	página 15	A cadeia de proteína animal no Vale do Taquari	página 27
Mapa aponta oportunidades para as regiões	páginas 16 e 17	Produção de azeite, vinhos e o turismo	páginas 28 e 29
Ferrovias e hidrovias recebem projetos	página 18	Quem participou do evento em Lajeado	páginas 30 e 31

Construindo e cultivando um novo amanhã.

Há 91 anos, o CREA-RS acompanha a evolução da engenharia, da agronomia e das geociências no Rio Grande do Sul. Em 2025, seguimos firmes no compromisso com o desenvolvimento, com o olhar voltado para um futuro mais sustentável, humano e resiliente. Porque cada obra, cada plantio, cada projeto carrega a força de quem constrói e cultiva com propósito.



Conjuntura

Clima adverso faz RS perder fatia no PIB nos anos 2020

Produto Interno Bruto gaúcho representava 6,5% do País em 2019; apesar de recuperação parcial em 2024, índice foi de 6,02% no ano passado

Ana Stobbe

Um lugar comum quando se fala em Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul é que o desempenho depende em boa parte “de São Pedro”, isto é, quando o clima ajuda a agricultura e as chuvas são adequadas, a economia vai bem. Entretanto, quando o Estado é atingido por estiagens prolongadas ou chuvas extraordinárias e concentradas, o agronegócio vai mal, o que por consequência prejudica o PIB gaúcho.

Com variações climáticas, o PIB tem oscilado entre anos

bons e ruins. Mas uma sequência de temporadas com clima adverso tem prejudicado a economia gaúcha, que perdeu uma parte de sua fatia no PIB nacional nos anos 2020.

Entre 2020 e 2024, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos cinco anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram direta e indiretamente impactados por eventos como a pandemia e variações climáticas extremas, incluindo estiagens em 2020, 2022 e 2023, além da enchente de 2024. As sucessivas perdas no campo fizeram o Rio Grande do Sul perder espaço no PIB nacional nos primeiros anos desta década. Enquanto em 2019 o Estado representava uma fatia de 6,5% do PIB brasileiro, em 2020

a fatia caiu para 6,2%. A queda não parou por aí: em seus piores momentos (2022 e 2023) chegou a alcançar 5,9%. Os dados mais recentes, de 2024, mostram uma leve recuperação do RS, chegando a 6,02% do PIB nacional. Os problemas começaram em 2020, com a pandemia causada pela Covid-19 somada a uma estiagem que impactou o agronegócio — cuja cadeia completa representa uma parcela de cerca de 40% do PIB gaúcho, dependendo da metodologia utilizada. O ano de 2021, por sua vez, foi de retomada, especialmente pela reabertura da economia após um ano de intensa preocupação com a pandemia. O crescimento não duraria muito tempo. Em 2022, sob nova estiagem, o PIB gaúcho encolheu: a redução foi de 2,6% em relação ao PIB registrado em 2021.

Participação do Rio Grande do Sul no PIB do Brasil nos últimos anos

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE



VINNY VANONI / PMPA/DIVULGAÇÃO/JC

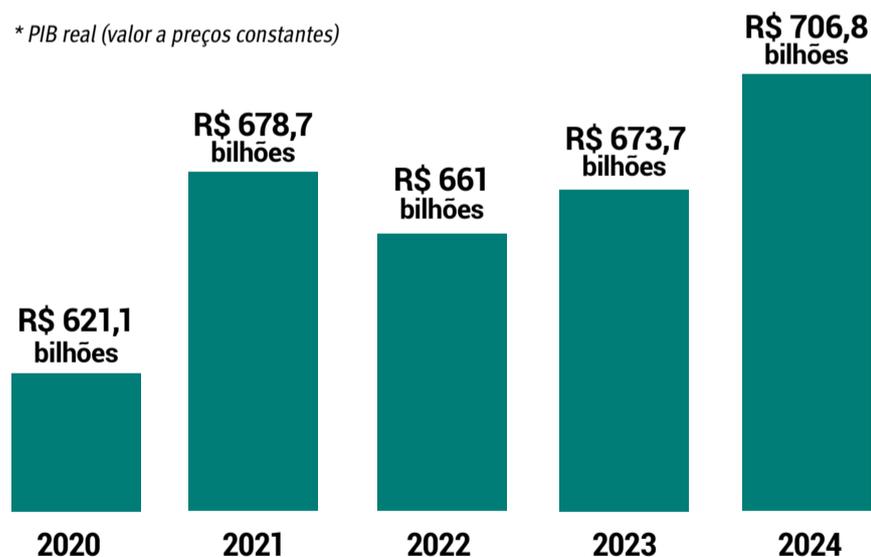


Problemas começaram com a pandemia e se agravaram com a estiagem

Evolução do PIB* nos anos 2020

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE

* PIB real (valor a preços constantes)



Entre 2020 e 2024, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos cinco anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram impactados por eventos climáticos e pandemia.

A evolução do PIB do Rio Grande do Sul nos anos 2020 (em R\$)

Ano	Valor nominal (a preços correntes)	Valor a preços constantes de 2024 (PIB real)	Varição em relação ao ano anterior
2020	470.941.846.049	621.120.145.155	-7,2%
2021	581.283.677.303	678.754.302.685	9,3%
2022	593.633.656.208	661.023.876.154	-2,6%
2023	645.390.087.451	673.772.841.375	1,9%
2024	706.818.309.044	706.818.309.044	4,9%

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE

PIB nominal é o valor total de todos os bens e serviços finais produzidos durante um determinado período (geralmente um ano ou um trimestre), calculado a preços correntes, ou seja, aos preços vigentes no próprio período considerado, sem ajuste pela inflação. Ou seja, PIB nominal e PIB a preços correntes é a mesma coisa.

Valor do PIB a valores constantes (também chamado de PIB real) é o valor ajustado pela inflação. Ou seja, é o PIB calculado com base nos preços de um ano-base fixo, para que se possa medir o crescimento real da economia ao longo do tempo.

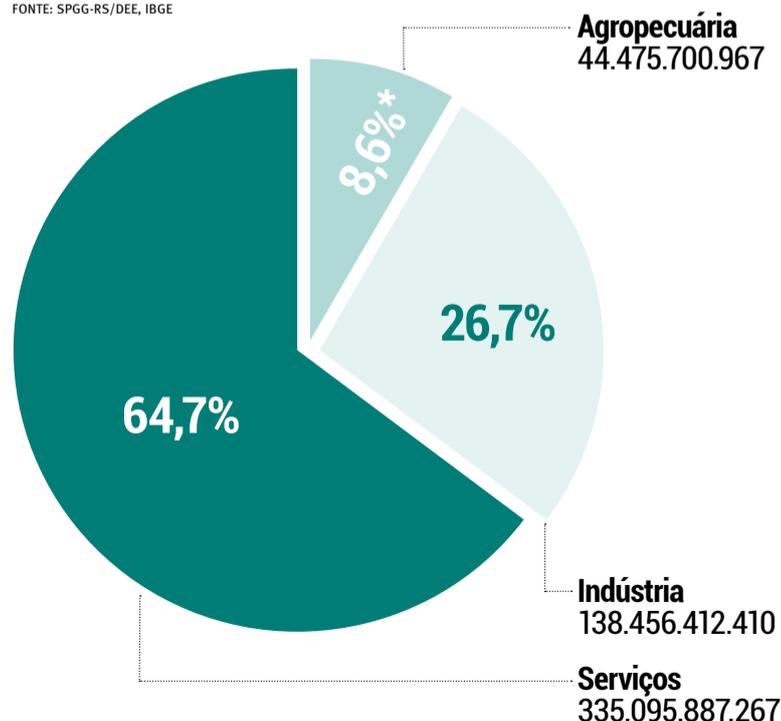
Participação dos setores no PIB de 2022

Valores nominais (dados mais recentes divulgados por setor)

Produto Interno Bruto	593.633.656.208
Impostos	75.605.655.564
Total das atividades	518.028.000.643

Divisão por setores da economia

FONTE: SPGG-RS/DEE, IBGE



* Percentual de 8,6% é específico da atividade agropecuária. O setor do agro é considerado ainda mais importante para o PIB olhando toda a cadeia produtiva, que envolve atividades como fabricação de máquinas agrícolas, produção de alimentos e bebidas, que entram na contabilidade do setor da indústria. A área de serviços se destaca, assim como no País, como principal responsável pelo PIB do RS.

Conjuntura

PIB mostra recuperação, mas enchente terá impacto

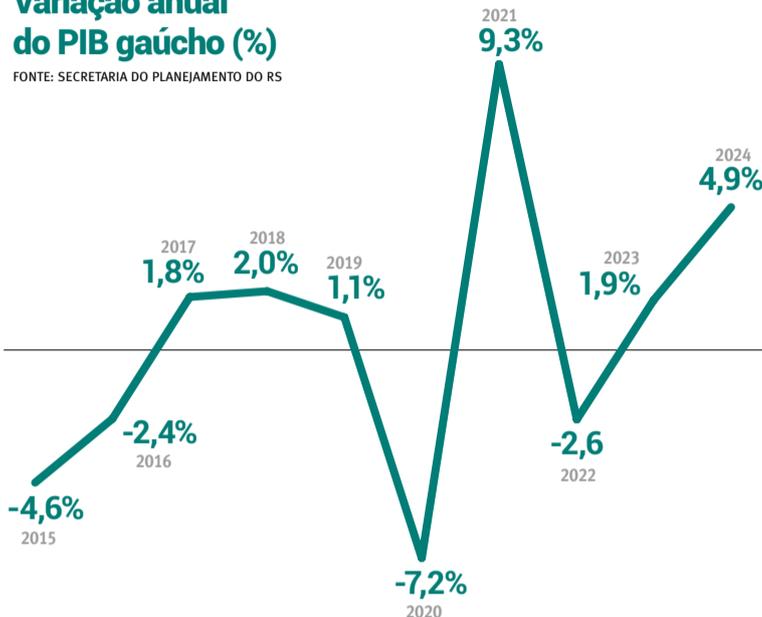
Departamento de Economia e Estatística observa que consequências como perdas e suspensão de operações terão efeito a médio e longo prazos

O ano de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática do RS. No mês de maio, enchentes afetaram 471 das 497 cidades gaúchas e, conseqüentemente, suas economias. Apesar disso, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS apresentou um aumento de 4,9% em relação ao de 2023, somando R\$ 706,81 bilhões. O número mostra recuperação do Rio Grande do Sul, mas, de qualquer forma, causa surpresa, considerando as perdas bilionárias em solo gaúcho. Há uma explicação, de acordo com a equipe do Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE-RS): o PIB mede o fluxo de produção, e não capta de forma imediata impactos nas perdas de estoque de capital.

Para o diretor do DEE-RS, o estatístico Pedro Zuanazzi, o PIB não é capaz de medir o estoque perdido. “Um exemplo corriqueiro é de quem teve a casa destruída pela enchente e reconstruiu, seja por auxílio do governo, pegando créditos ou até mesmo se endividando. Isso para o PIB pode até ser positivo, porque aquele valor vai estar entrando no PIB, já que é uma construção nova, que está gerando um novo valor. Mas o

Variação anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO RS



estoque do que foi perdido não é reduzido do PIB. Então, às vezes, pode dar uma falsa sensação de que está tudo bem”, analisa.

Os valores positivos de 2024 se devem muito ao agronegócio. A perda de estoque, nesse caso, também deve gerar impactos a longo prazo. “Houve muita perda de fertilidade do solo, a água passava e levava embora aquela camada superficial e vários nutrientes. Isso vai diminuir o rendimento médio das produções ou o produtor vai ter que investir mais para repor a fertilidade. E esse é o típico efeito que a gente não vê no ano, mas que vai aparecer nos próximos períodos”, avalia o economista do DEE-RS Martinho Lazzari.

Tanto Zuanazzi quanto Lazzari

concordam que não é possível estipular por quanto tempo as consequências da enchente na economia poderão ser sentidas.

Afinal, haverá dois diferentes impactos que conflitam entre si: o positivo, proporcionado pela injeção de aportes e recursos voltados à retomada econômica e à resiliência; e o negativo, gerado pela perda de estoques de capital.

O impacto positivo da reconstrução pode ser, de certa forma, estimado pelo calendário do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas há ainda outros projetos de reconstrução e resiliência que geram impactos indiretos na economia. Por sua vez, os impactos negativos são ainda mais difíceis de avaliar, segundo os pesquisadores.

Expansão da soja movimentará economia da Região Central

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho é divulgado trimestralmente, os dados municipais são informados com defasagem de alguns anos. O mais recente recorte municipal do PIB é com os dados de 2021. Uma revisão da metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atrasou a divulgação dos números de 2022, que será apresentada no final deste ano. Mesmo assim, é possível avaliar tendências regionais.

Entre as macrorregiões analisadas pelo Mapa Econômico do RS, a formada pelas Regiões Central, Jacuí Centro e dos Vales é a com o menor Produto Interno Bruto (PIB), segundo os dados mais atualizados, de 2021. Entretanto, é a que mais cresce proporcionalmente em comparação com as demais. E, nesse sentido, a produção agrícola pode colaborar.

Afinal, conforme aponta o Departamento de Economia e Estatística (DEE-RS), é possível ver, ainda, uma expansão da produção de soja para municípios como Santiago, no Vale do Jaguari, e Santa Maria, na Região Central. Isso agregou valor à agropecuária da região, podendo trazer recursos para essa porção do Estado. Apesar disso, a geração de serviços e indústrias associadas ao aumento da produção agrícola ainda não deslanchou nestes locais.

O agronegócio já é um dos impulsionadores do PIB estadual. No primeiro trimestre de

2025, por exemplo, foi o que manteve o índice em alta, tendo crescido 1,3% em relação aos três meses anteriores. Afinal, sem o impacto de eventos climáticos extremos, o período de janeiro a março registrou um aumento de 27,3% na agropecuária.

E, no segundo trimestre de 2025, embora os números oficiais ainda não tenham sido divulgados pelo DEE-RS, deve ser a soja a responsável por uma possível variação negativa devido à estiagem registrada no período. “A soja é muito poderosa, afeta bastante o PIB do segundo trimestre, então a gente vai ter que acompanhar”, explicou o economista do órgão Martinho Lazzari.

O produto é também bastante presente na Região Norte do RS, que é a que mais tem crescido nos últimos tempos e ampliou sua participação no PIB gaúcho nos últimos 20 anos. Lá, os grãos passaram a ser não apenas vendidos como commodity para exportação, mas, também, industrializados.

“Tem a produção de soja, a indústria de máquinas agrícolas que ficam por ali, tem Passo Fundo, que é uma economia de serviços para atender as pessoas de lá e agora tem a questão dos biocombustíveis, inclusive aqueles que usam cereais de inverno que sofrem relativamente menos com o clima, sofrendo menos variações que a soja. É uma região que tem recebido esses investimentos também”, comenta o economista da DEE Martinho Lazzari sobre o alto desenvolvimento regional.



**TÁ NA VIDA,
TÁ NO SUPER,
TÁ NA EXPOAGAS.**

19 A 21 DE AGOSTO
CENTRO DE EVENTOS FIERGS
PORTO ALEGRE
INSCRIÇÕES WWW.AGAS.COM.BR

PATROCÍNIO GLOBAL

MARQUESPAN



SICOOB

Nestlé
Faz bem

COPATROCÍNIO

BestBeef

SILVESTRIN

Girando SOL

TRAMONTINA

DACOLÓNIA

banrisul

SILVEIRA TORQUATO

REALIZAÇÃO

AGAS

ABRAS

A população das Regiões Central e dos Vales

As 10 maiores populações

Município	População (Censo 2022)
1º Santa Maria	271.735
2º Santa Cruz do Sul	133.230
3º Lajeado	93.646
4º Cachoeira do Sul	80.070
5º Venâncio Aires	68.763
6º Santiago	48.938
7º Rio Pardo	34.654
8º Teutônia	32.797
9º Estrela	32.183
10º Candelária	28.906

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Vale do Taquari

Total: 361.273 habitantes
(em 2010 eram 327.633, alta de 10,26%)

Município	População (Censo de 2022)
Lajeado	93.646
Teutônia	32.797
Estrela	32.183
Taquari	25.198
Encantado	22.962
Arroio do Meio	21.958
Bom Retiro do Sul	12.294
Cruzeiro do Sul	11.600
Roca Sales	10.418
Arvorezinha	10.322
Paverama	7.978
Santa Clara do Sul	6.887
Anta Gorda	5.957
Progresso	5.340
Muçum	4.601
Tabaí	4.461
Fazenda Vilanova	4.291
Ilópolis	4.157
Marques de Souza	3.969
Putinga	3.747
Westfália	3.098
Dois Lajeados	3.097
Imigrante	3.080
Nova Brésia	3.044
Capitão	2.921
Colinas	2.423
Forquetinha	2.393
Poço das Antas	2.171
Travesseiro	2.152
Sério	1.941
Doutor Ricardo	1.888
Vespasiano Corrêa	1.818
Relvado	1.796
Pouso Novo	1.739
Canudos do Vale	1.656
Coqueiro Baixo	1.290

Vale do Rio Pardo

Total: 424.237 habitantes
(em 2010 eram 418.093, alta de 1,47%)

Município	População (Censo de 2022)
Santa Cruz do Sul	133.230
Venâncio Aires	68.763
Rio Pardo	34.654
Candelária	28.906
Vera Cruz	26.710
Encruzilhada do Sul	23.819
Sobradinho	14.226
Arroio do Tigre	12.058
Pantano Grande	10.212
Vale do Sol	9.897
Sinimbu	8.578
General Câmara	7.612
Boqueirão do Leão	6.247
Passo do Sobrado	6.025
Segredo	6.009
Mato Leitão	4.859
Passa Sete	3.983
Ibarama	3.732
Tunas	3.681
Vale Verde	3.150
Estrela Velha	3.070
Herveiras	2.565
Lagoa Bonita do Sul	2.251

Vale do Jaguari

Total: 111.066 habitantes
(em 2010 eram 114.816, queda de 3,26%)

Município	População (Censo de 2022)
Santiago	48.938
São Francisco de Assis	17.618
Cacequi	11.157
Jaguari	10.579
São Vicente do Sul	8.097
Mata	4.698
Nova Esperança do Sul	4.865
Capão do Cipó	3.119
Unistalda	1.995



Jacuí Centro

Total: 133.980 habitantes
(em 2010 eram 143.402, queda de 6,57%)

Município	População (Censo de 2022)
Cachoeira do Sul	80.070
São Sepé	21.219
Restinga Sêca	14.939
Paraíso do Sul	6.519
Vila Nova do Sul	3.863
Cerro Branco	3.802
Novo Cabrais	3.568

Região Central

Total: 393.423 habitantes
(em 2010 eram 391.555, alta de 0,47%)

Município	População (Censo de 2022)
Santa Maria	271.735
Tupanciretã	20.005
Júlio de Castilhos	18.226
Agudo	16.041
São Pedro do Sul	15.577
Faxinal do Soturno	6.702
Formigueiro	6.413
Nova Palma	5.586
Itaara	5.572
Pinhal Grande	3.805
Jari	3.349
Dona Francisca	3.079
São Martinho da Serra	2.860
Dilermando de Aguiar	2.806
São João do Polêsine	2.649
Toropi	2.554
Quevedos	2.507
Silveira Martins	2.028
Ivorá	1.929

THE PARK

inspired BY DROR

ÚLTIMO CONDOMÍNIO CLUBE AO LADO DO PARCÃO,
COM INFRAESTRUTURA SURPREENDENTE.

APTOS DE 3 SUÍTES | 141M² A 220M² | PRONTO PARA MORAR



INFRAESTRUTURA DE LAZER COMPLETA PARA TODA A FAMÍLIA

ACQUA E TREEHOUSE PLAYGROUND, BRINQUEDOTECA, ESPAÇO GOURMET ART E NATURE, FITNESS, PISCINA ADULTO E INFANTIL, PISCINA COBERTA AQUECIDA, POOL HOUSE, QUADRA DE TÊNIS DE SAIBRO, QUADRA ESPORTIVA, ROOFTOPS LOUNGES, SALA DE JOGOS E SALÃO DE FESTAS.

LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA, PRÓXIMA AOS PRINCIPAIS HOSPITAIS E ESCOLAS

COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO | COLÉGIO LEONARDO DA VINCI | COLÉGIO METODISTA AMERICANO
COMPLEXO SANTA CASA | HOSPITAL DE CLÍNICAS | HOSPITAL MOINHOS DE VENTO | INSTITUTO DE CARDIOLOGIA



CYRELA.COM.BR
3092.8600

PRONTO PARA MORAR

RUA CEL. PAULINO TEIXEIRA, 190
JUNTO AO PARCÃO, RIO BRANCO



Trabalho

Região Central e dos Vales do RS registram leve alta em empregos

Mesmo após cheias, municípios das cinco microrregiões tiveram um crescimento de 1,56% no número de vagas formais entre 2024 e 2025

Os 10 maiores estoques de emprego

Município	Estoque abril 2024	Estoque de empregos (abril 2025)
1º Santa Maria	63.963	65.350
2º Santa Cruz do Sul	49.191	51.698
3º Lajeado	40.128	40.531
4º Venâncio Aires	21.245	21.512
5º Cachoeira do Sul	14.190	14.318
6º Estrela	12.019	11.919
7º Teutônia	10.767	10.811
8º Arroio do Meio	8.017	8.023
9º Santiago	7.844	7.962
10º Encantado	7.954	7.930

Vale do Taquari

113.563 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 0,68% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Varição
Lajeado	40.128	40.531	1%
Estrela	12.019	11.919	-0,8%
Teutônia	10.767	10.811	0,4%
Arroio do Meio	8.017	8.023	0,07%
Encantado	7.954	7.930	-0,3%
Taquari	5.314	5.454	2,6%
Bom Retiro do Sul	3.440	3.378	-1,8%
Cruzeiro do Sul	2.796	2.799	0,1%
Roca Sales	3.098	2.759	-10,9%
Muçum	2.410	2.307	-4,2%
Santa Clara do Sul	2.161	2.134	-1,2%
Arvorezinha	1.579	1.603	1,5%
Paverama	1.457	1.566	7,4%
Westfália	1.097	1.533	39,7%
Anta Gorda	1.347	1.373	1,9%
Imigrante	1.220	1.263	3,5%
Fazenda Vilanova	818	911	11,3%
Tabaí	765	791	3,3%
Dois Lajeados	659	645	-2,1%
Progresso	638	625	-2%
Ilópolis	574	607	5,7%
Marques de Souza	555	547	-1,4%
Nova Bréscia	523	538	2,8%
Putinga	453	466	2,8%
Travesseiro	477	417	-12,5%
Poço das Antas	341	381	11,7%
Capitão	356	363	1,9%
Vespasiano Corrêa	309	314	1,6%
Colinas	278	299	7,5%
Pouso Novo	282	275	-2,4%
Doutor Ricardo	240	256	6,6%
Forquetinha	210	207	-1,4%
Canudos do Vale	167	174	4,1%
Sério	159	167	5%
Relvado	146	146	0%
Coqueiro Baixo	47	51	8,5%

Vale do Rio Pardo

105.098 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 2,67% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Varição
Santa Cruz do Sul	49.191	51.698	5%
Venâncio Aires	21.245	21.512	1,2%
Candelária	5.644	5.405	-4,2%
Rio Pardo	5.135	5.252	2,2%
Vera Cruz	4.945	4.760	-3,7%
Encruzilhada do Sul	3.467	3.626	4,5%
Pantano Grande	2.829	2.868	1,3%
Sobradinho	2.486	2.439	-1,8%
Arroio do Tigre	1.756	1.734	-1,2%
Mato Leitão	1.212	1.199	-1%
Passo do Sobrado	936	1.085	15,9%
Sinimbu	695	608	-12,5%
Vale do Sol	507	517	1,9%
General Câmara	453	456	0,6%
Boqueirão do Leão	405	416	2,7%
Estrela Velha	346	353	2%
Segredo	323	315	-2,4%
Vale Verde	248	227	-8,4%
Ibarama	151	179	18,5%
Tunas	134	137	2,2%
Passa Sete	104	122	17,3%
Herveiras	81	117	44,4%
Lagoa Bonita do Sul	68	73	7,3%

Vale do Jaguari

15.808 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 1,12% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Varição
Santiago	7.844	7.962	1,5%
S. Francisco de Assis	1.569	1.568	-0,06%
Nova Esperança do Sul	1.538	1.554	1%
Cacequi	1.482	1.452	-2%
Jaguari	1.236	1.309	5,9%
São Vicente do Sul	1.054	1.079	2,3%
Capão do Cipó	400	390	-2,5%
Mata	392	376	-4%
Unistalda	118	118	0%

Jacuí Centro

22.090 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 1,29% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Varição
Cachoeira do Sul	14.190	14.318	0,9%
São Sepé	3.319	3.402	2,5%
Restinga Sêca	2.700	2.769	2,5%
Paraíso do Sul	551	549	-0,3%
Vila Nova do Sul	520	500	-3,8%
Novo Cabrais	319	340	6,5%
Cerro Branco	209	212	1,4%

Região Central

83.053 vagas formais de emprego em abril de 2025 (alta de 1,54% em relação ao estoque de 2024)

Cidade	Estoque abril 2024	Estoque abril 2025	Varição
Santa Maria	63.963	65.350	2,1%
Tupanciretã	3.808	3.742	-1,7%
Júlio de Castilhos	3.130	3.069	-1,9%
Agudo	2.482	2.439	-1,7%
São Pedro do Sul	1.709	1.718	0,5%
Faxinal do Soturno	1.313	1.324	0,8%
Itaara	1.284	1.169	-8,9%
Nova Palma	802	853	6,3%
São João do Polêsine	571	689	20,6%
Formigueiro	595	640	7,5%
Jari	383	364	-4,9%
Dilermando de Aguiar	345	315	-8,6%
Pinhal Grande	281	257	-8,5%
Dona Francisca	229	244	6,5%
Silveira Martins	234	226	-3,4%
Quevedos	233	217	-6,8%
S. Martinho da Serra	196	202	3%
Toropi	137	141	2,9%
Ivorá	101	94	-6,9%



■ Somadas, as cinco regiões deste capítulo possuíam em abril de 2025 um **estoque de empregos de 339.612 vagas formais**, um aumento de 1,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

■ O **Vale do Rio Pardo, impulsionado pela indústria do tabaco**, teve uma variação positiva nas vagas de trabalho maior do que a média da Estado, com crescimento do estoque de empregos em 2,67%.

■ O **Vale do Taquari, região mais afetada pelas enchentes de 2024**, teve a menor variação, mas manteve o estoque estável, aumentando apenas em 0,68% os empregos formais.

Trabalho

Regiões Central e dos Vales mantiveram vagas formais

Eventos climáticos extremos afetaram população e empreendimentos, mas número de empregos cresceu

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Somadas, as Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguarí e Jacuí Centro cresceram 1,5% no número de empregos formais, de abril de 2024 a abril de 2025.

Apesar de o leve crescimento poder ser considerado um resultado positivo, considerando o impacto dos eventos climáticos extremos na região, especialmente a enchente de 2024, os números ficaram abaixo da alta no Estado, onde o número

de postos de trabalho foi ampliado em 2,4%. Os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

“Nesse período (abril de 2024 a abril de 2025), o fato de essas regiões terem sido o epicentro de eventos climáticos extremos seguramente tem um efeito (na geração de empregos), sobretudo, cumulativo”, avalia o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Guilherme Sobrinho.

O Vale do Taquari, entre as regiões aqui analisadas, foi a com o maior percentual de população atingida pela enchente de 2024 e sofreu impacto de eventos climáticos extremos no segundo semestre de 2023. Além disso, foi a região que registrou o menor crescimento do

estoque de empregos, com uma variação de apenas 0,68%.

Uma das cidades com maior variação negativa de empregos no Vale do Taquari foi Roca Sales, onde mais da metade da população foi atingida pela cheia de 2024. O setor mais afetado foi o coureiro-calçadista, que representa 253 dos postos de trabalho perdidos em Roca Sales. Os empregos na área caíram 18,2%.

O destaque na geração de emprego está nas principais cidades de cada microrregião em termos de população. Entre as variações positivas, chamam atenção os municípios de Lajeado, no Vale do Taquari; Santa Maria, na Região Central; e Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo.

Empresários brasileiros têm levado o patrimônio para o Uruguai: o que explica esse movimento?

Diante das crescentes incertezas econômicas no Brasil, os investidores têm se interessado cada vez mais pela internacionalização, na busca por um ambiente com maior segurança jurídica e estabilidade para preservar o patrimônio. Neste cenário, um país que desponta é o Uruguai.

Na nação vizinha, é oferecida isenção total de impostos sobre rendimentos estrangeiros durante 11 anos ou uma alíquota reduzida de apenas 7%. Além disso, o país não tributa grandes fortunas nem heranças (ITCMD). Foi por conta dessas vantagens que Carlos, empresário gaúcho de 62 anos, decidiu fazer saída fiscal do Brasil para o Uruguai.

“Depois de anos lidando com incertezas políticas e econômicas, percebi que precisava blindar o patrimônio e simplificar o processo sucessório para meus filhos. A re-

sidência fiscal no Uruguai me oferece tranquilidade jurídica e uma eficiência tributária que o Brasil não consegue garantir”, explica o empresário gaúcho da área agrícola.

Segundo Eduardo Molon, head de alocação internacional da Ável Investimentos, a procura por soluções de planejamento patrimonial aumentou significativamente nos últimos dois anos: “Temos visto empresários e investidores preocupados com as constantes mudanças nas regras tributárias e buscando alternativas para proteger o que conquistaram. O Uruguai se destaca não apenas pelos benefícios fiscais, mas por um ambiente de negócios mais previsível”, afirma.

Contudo, Molon ressalta que nem sempre a saída fiscal é necessária. “Em muitos casos, ferramentas como holdings patrimoniais e alocação internacional de investimen-

tos já são suficientes para organizar e proteger o patrimônio sem mudar de país”, diz ele.

Uma holding permite consolidar todos os bens e investimentos sob uma única estrutura jurídica, proporcionando maior controle, governança e clareza na gestão. Ela facilita o planejamento tributário ao permitir o aproveitamento de deduções, amortizações e compensações fiscais, o que pode reduzir consideravelmente a carga tributária do grupo familiar.

Para ajudar brasileiros a entenderem as opções disponíveis, a Ável Investimentos elaborou o e-book “Saída Fiscal para o Uruguai: Vale a pena?”, que pode ser baixado gratuitamente. O material explica como funciona o processo, suas vantagens e desafios, além de apresentar outras estratégias para proteger e perpetuar o patrimônio.

Conteúdo produzido pelo

Núcleo-i para Ável
Conteúdo multimídia patrocinado

ÁVEL/ Divulgação/ JC

ACESSE O QR CODE PARA BAIXAR O E-BOOK GRATUITO E DESCOBRIR A ESTRATÉGIA MAIS ADEQUADA PARA O SEU CASO.



UMA PARCERIA

avel. | **XP**

Jornal do Comércio 92
O jornal de economia e negócios do RS

Qr Code para acesso ao e-book

Reportagem Especial

Teutônia recebe 800 novas empresas e 3 mil moradores no pós-cheia

Migração de populações após enchentes transforma a Região do Vale do Taquari

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Tão logo iniciaram-se os movimentos pela recuperação do Vale do Taquari, após o segundo ano consecutivo de cheia devastadora na região (2023 e 2024), a migração da indústria de produtos de limpeza Fontana, ao menos em parte, de Encantado para uma área em Teutônia indicava um movimento interno na região, intensificado neste último ano.

O município de Teutônia, em um trecho mais alto do Vale do Taquari, teve apenas 7 quilômetros quadrados, ou menos de 4% do seu território, com menos de 2% da população e 2% dos CNPJs locais atingidos pela cheia, conforme o Mapa Unificado do Plano Rio Grande.

Com isso, no pós-cheia, novas empresas e mais moradores da região chegaram a Teutônia no último ano em busca de mais segurança e oportunidades. O resultado, em 2025, já é visível no município que, no Censo de 2022, registrava 32.797 habitantes.

Entre maio do ano passado e maio deste ano, conta o prefeito Renato Altmann, entre 2,5 mil e 3 mil novos moradores chegaram à cidade – uma alta de até 9% em relação à população do último Censo. Vinham atraídos, naturalmente, por um movimento que foi muito além da indústria Fontana.

No mesmo período, foram abertas ou instaladas 800 novas empresas em Teutônia. O



PREFEITURA DE TEUTÔNIA/DIVULGAÇÃO/JC

Município, que tem negócios de todos os portes, registrou alta de 27,5% no número de empresas em um ano

município tem um total de 3,7 mil empresas de todos os portes atualmente – um crescimento de 27,5% em apenas um ano.

“Sempre priorizamos a busca pelo maior desenvolvimento de Teutônia. A partir das tragédias de 2023 e 2024, geograficamente, o município se mostrou mais seguro e uma oportunidade para quem quer investir. Muitos já se transferiram para cá e outros tantos estão em tratativas. Mas não é só a questão geográfica, Teutônia é um excelente local para investir, em termos de logística. Estamos a 100 quilômetros de Porto Alegre, de Caxias do Sul e de Santa Cruz do Sul. Temos energia de alta qualidade, com a Certel. É uma responsabilidade muito grande para nós, como representantes da gestão municipal, atender e adaptar o município a essa nova demanda”, diz o prefeito.

Entre os novos investimentos destacados neste ano está

a expansão da Denteck Climatização.

Já a fábrica de calçados de segurança alemã Atlas, que adquiriu a antiga área da Paquetá, com um investimento de R\$ 6,3 milhões, prevê iniciar a produção em Teutônia em agosto. Fará um movimento inédito para produzir calçados inteiramente no Rio Grande do Sul, a partir desta unidade. Com outras em Bom Retiro do Sul e Lajeado, a Atlas atualmente produz somente compostos, enviados para finalização na Alemanha.

O município atraiu ainda um novo centro de distribuição de hortifrutis do Grupo Passarela e uma nova loja da Cooperativa Santa Clara. Somente entre esses empreendimentos, são 130 novas vagas de emprego.

“Somos uma referência na produção de leite e calçados. E agora temos o setor químico e negociações até mesmo com o setor metalmeccânico. São mais oportunidades para uma comunidade que tem, por exemplo, o cooperativismo no DNA. Agora, estamos buscando alternativas para, como poder público, também criarmos oportunidades de qualificar profissionalmente a mão de obra para atender aos novos empreendimentos”, destaca Altmann.

Segundo o prefeito, hoje a indústria responde por 48% da arrecadação do município, com o setor primário responsável por outros 35%. Por isso, Altmann reforça que o critério básico para avançar em projetos de investimentos na localidade é o que as empresas apresentam como compromisso

Principais projetos do Funrigs na macrorregião central

► R\$ 150 milhões previstos para projetos habitacionais e construções de novas casas somente no Vale do Taquari.

► R\$ 1,5 bilhão para o Bloco 2, conjunto de rodovias a ser concedido. Parte dessas estradas está na macrorregião central.

FONTE: GOVERNO DO ESTADO

sustentável.

“Queremos o crescimento, mas não abrimos mão da qualidade de vida no nosso município. Quem vem precisa vir com compromissos sociais e ambientais com a nossa comunidade. É nisso que estamos priorizando também ao elaborarmos um novo Plano Diretor, mais adequado a esse movimento”, explica Altmann.

O plano de expansão traçado pelo município visa garantir expansão urbana no lado oeste da chamada Via Láctea (RS-128), com o projeto de uma nova avenida que faça a ligação entre os pontos desta região. Hoje, todo o desenvolvimento do município se dá no lado leste da rodovia que corta Teutônia.

De acordo com a prefeitura, a chegada de novos moradores, naturalmente, aquece a construção civil. São cinco novos loteamentos em fase de análise e licenciamento. O próprio governo municipal encaminhou ao governo federal um projeto de 50 moradias populares enquadradas no Programa Minha Casa, Minha Vida.

Construção de casas é ação prioritária na retomada

Nas áreas mais atingidas pela inundação nos dois últimos anos, os investimentos em habita o, dentro do projeto de reconstru o do Estado, quando considerados os Vales do Taquari e do Rio Pardo, dominam a lista de programas aprovados pelo poder público para desembolsos pelo Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs).

Ao todo, R\$ 84,6 milhões já foram garantidos para casas e estrutura o de novos loteamentos. A previsão do governo do Estado  , somente no Vale do Taquari, garantir um total de R\$ 150 milhões para mais de 700 residências definitivas nos municípios mais atingidos pela cheia. No Vale do Taquari, estão previstas 100 casas definitivas em Encantado, cinco em Arroio do Meio, 108 em Estrela, 30 em Lajeado, 323 em Cruzeiro do Sul, onde um novo bairro está sendo estruturado, 80 em Muçum, 60 em Roca Sales e 10 em Marques de Souza.

Já no Vale do Rio Pardo, serão 14 casas em General Câmara e 124 em Venâncio Aires. Por parte do governo federal, 1,5 mil residências já teriam sido garantidas pelo programa Minha Casa, Minha Vida no Estado, sem especifica o dos municípios beneficiados. Conforme o Mapa  nico do Plano Rio Grande, entre as áreas consideradas neste capítulo do Mapa Econômico do RS, o Jacuí Centro, com 1,4 mil quilômetros quadrados (17,4% da área total), foi territorialmente mais atingido pela cheia. No entanto, no Vale do Taquari, onde a inunda o atingiu 701 quilômetros quadrados (14,5% da área), foram 73,2 mil pessoas diretamente atingidas, ou 20% da popula o da microrregião.

  isso, naturalmente, atingiu em cheio a economia local. Foram 23,6% dos CNPJs do Vale do Taquari afetados. Quadro bem mais agravado em municípios como Roca Sales, onde 72,8% das empresas foram atingidas, em Arroio do Meio, 62%, e, em Cruzeiro do Sul, metade dos CNPJs estavam nas áreas inundadas. Outro desafio   acelerar a constru o de casas e superar trâmites burocráticos bem como defini o de locais para novos loteamentos.

 reas atingidas pela cheia na faixa central do RS

► Foram inundados **4,9 mil quilômetros quadrados** entre os Vales do Taquari, Rio Pardo e Jaguar, Jacuí Centro e Região Central do Estado, representando 30,4% de toda a área alagada em 2024.

► **138,8 mil pessoas** foram diretamente atingidas pela cheia em toda a macrorregião representando **14,3%** de toda a popula o atingida no Rio Grande do Sul.

► **Vale do Taquari** foi a região proporcionalmente mais atingida, com **14,5%** do seu território, e também a região com mais pessoas atingidas, 73,2 mil moradores (20,3%).

► Vale do Taquari teve **9,9 mil empresas diretamente atingidas pela cheia**, representando 23,6% de todos os CNPJs da região.

► Na Região Jacuí Centro, a inunda o atingiu com maior força a produ o rural, com **18,7% das áreas produtivas atingidas**. Mas o maior volume de propriedades rurais prejudicadas foi no Vale do Taquari, com 2,4 mil estabelecimentos rurais (12,6% do total).

Reportagem Especial

Recuperação econômica do município de Lajeado passa pela inovação

Diagnóstico aponta que vocações da principal cidade do Vale do Taquari são inovação, saúde e o setor de alimentos

No movimento de atração de novos investimentos para a região em plena recuperação, sem grandes áreas disponíveis para oferecer uma expansão industrial, o que ocasionou algumas migrações de empresas locais para os vizinhos Estrela e Paverama, a aposta de Lajeado é na atração e estímulo a empresas inovadoras.

“Não temos mais áreas significativas no território do município, então, buscamos empresas menores, mas com grande valor agregado, com inovação e capacidade de render melhor em área menor. E temos sido bem-sucedidos, nos saímos muito bem do evento da cheia do ano passado. Praticamente todas as empresas têm faixas e anúncios a procura de empregados, vivem pleno emprego. Ao que tudo indica, ao invés de perdermos,



PREFEITURA DE LAJEADO/DIVULGAÇÃO/JC

Ecossistema promove elo entre academia, poder público e empresas

ganhamos mais população após a cheia”, diz a prefeita de Lajeado, Gláucia Schumacher.

O resultado deste movimento tem sido a elevação dos valores de áreas, o que tem dificultado, como relata a prefeita, até mesmo a construção de loteamentos e empreendimentos habitacionais.

O poder público local é o grande propulsor do Pro-Move Lajeado, premiado duas vezes como o melhor ecossistema para

mais avançada e desenvolvida aqui é uma forma de reter essas indústrias e serviços”, aponta a prefeita.

Além do Tecnovates, que tem um laboratório técnico para alimentos, com pesquisa de ponta, a Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo criou em 2020 o Vibee Unimed, um ecossistema de soluções para a área da saúde que, hoje, é referência para os processos da cooperativa em todo o Brasil. E há ainda o Polo Tecnológico do IFSul em Lajeado. “Somos uma agência que surgiu a partir de um diagnóstico feito em 2019 sobre os rumos da economia de Lajeado e da região, e para onde queremos seguir. Por isso, temos buscado características específicas em soluções, que estejam alinhadas com as nossas vocações”, diz o diretor-executivo do Pro-Move, Tiago Guerra. No último ano, a Agência de Desenvolvimento e Inovação Local (AGIL) garantiu mais de R\$ 1,5 milhão em investimentos no edital para startups inovadoras, com três projetos incentivados.

inovação entre cidades de até 100 mil habitantes, pela Confederação Nacional da Indústria. Com uma agência de desenvolvimento local, o ecossistema promove o elo entre a academia (Univates e Tecnovates), o poder público e as empresas locais.

“Um dos fatores de sucesso deste modelo é um bom diagnóstico do que é a nossa vocação: a inovação, os serviços de saúde e o setor de alimentos. O estímulo à tecnologia cada vez

Desafio para diferentes setores da economia é contratar mão de obra

A partir da troca de experiências, surgiu em Lajeado o projeto Trilhas da inovação, do Senai. Já foram formados e qualificados mais de 500 jovens neste projeto. Um levantamento feito em junho pela Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil), com 77 departamentos

de recursos humanos locais, mostrou que 80% deles contam com oportunidades de trabalho em aberto e sem candidatos a ocuparem. A indústria e o comércio lideram essa estatística ao inverso.

Na fabricante de doces Docile, por exemplo, o presidente

Ricardo Heineck conta que são 70 vagas abertas desde o último ano, e outras 50 devem estar disponíveis ainda neste segundo semestre. “Temos participado de diversas iniciativas para tornar a nossa região mais forte em educação, qualificação e inovação”, aponta Heineck.

O Pro-Move hoje tem a sua gestão baseada no Hub Labilá, que é o laboratório de inovação criado pelo governo municipal em busca de soluções, inclusive, para o poder público. Mas, justamente pela sua característica de integração total, a gestão estaciona, por vezes, no Tecnovates.

O ecossistema de inovação na macrorregião central

Ambientes de inovação

▶ Vale do Taquari é referência como ambiente de inovação, com um ecossistema criado em Lajeado. São mais de 100 empresas vinculadas ao Tecnovates.

▶ Santa Maria é considerada a 4ª cidade mais inovadora e sustentável do Estado. Pelo menos 81 empresas fazem parte do ecossistema de inovação promovido pela cidade.

Universidades

- ▶ UFSM (Santa Maria)
- ▶ Univates (Lajeado)
- ▶ Unisc (Santa Cruz do Sul)
- ▶ Universidade Franciscana (Santa Maria)
- ▶ URI Campus Santiago (Santiago)
- ▶ Unilasalle (Estrela)
- ▶ Ulbra (Cachoeira do Sul)
- ▶ Unipampa (Cachoeira do Sul)

Polos Tecnológicos

- ▶ Tecnovates (Lajeado)
- ▶ Hub Labilá (Lajeado)
- ▶ Vibee (Lajeado)
- ▶ TecnoUnisc (Santa Cruz do Sul)
- ▶ Gauten (Santa Cruz do Sul)
- ▶ Pulsar (Santa Maria)
- ▶ Santa Maria Tecnoparque (Santa Maria)
- ▶ InovaCentro (Santa Maria)
- ▶ Conectare (Santa Maria)
- ▶ Polo de Modernização Tecnológica Vale do Jaguari (Santiago)
- ▶ Senai (Cachoeira do Sul, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Venâncio Aires)

BRDE.
Parceria que tira projetos do papel e coloca pessoas no mercado de trabalho.

Em 2024, os financiamentos do BRDE impulsionaram a criação de mais de **90 mil** empregos nos estados do sul do país. Um resultado que reforça o papel do banco no desenvolvimento socioeconômico que transforma vidas.

Financiando hoje o emprego de amanhã. Saiba mais em brde.com.br



Reportagem Especial

Efeito da enchente atrasa obras de duplicação da rodovia RSC-287

Concessionária aponta redução de pelo menos 5% do fluxo na estrada, que tem pontos críticos

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

O cronograma era arrojado. Em três anos, a Rota Santa Maria, responsável pela duplicação da RSC-287, rodovia fundamental para a ligação entre o Centro do Estado, o Vale do Rio Pardo e a Região Metropolitana, pretendia ter a primeira fase do projeto, de 130 quilômetros, entregue. As obras iniciaram em maio do ano passado, justamente quando aconteceu a cheia de 2024.

Além de afetar diretamente o cronograma de obras, a enchurrada deixou um rastro de estragos ao longo da rodovia que, até hoje, dependem de um ajuste contratual entre a concessionária e o governo do Estado para serem solucionados. Enquanto isso não acontece, o diretor da Rota Santa Maria, Leandro Conterato, aponta redução de pelo menos 5% no fluxo da rodovia.

“Sentimos as perdas logísticas no dia a dia. As empresas



ROTA SANTA MARIA/DIVULGAÇÃO/JC

Plano prevê entregar 3 quilômetros duplicados em Santa Cruz do Sul neste ano, incluindo dois viadutos

da região manifestam preocupação e muitas vezes optam por vias alternativas para evitar os pontos críticos que permanecem com sinalização reforçada. Há uma pressão social e o nosso plano, assim que tivermos os projetos aprovados, é executarmos em seis meses os quatro trechos críticos que precisarão ser reconstruídos, já duplicados, mais altos e com nova estruturação. Se não houvesse as cheias do ano passado, hoje estaríamos com pelo menos cinco frentes de

trabalho ao longo da rodovia”, explica o diretor.

Ele se refere aos trechos de Mariante, em Venâncio Aires, e de Candelária, onde os rios Taquari e Pardo cobriram a rodovia, destruindo a estrutura. Desde então, foram criados desvios provisórios, que seguem operando. Há ainda a ponte sobre o Arroio Grande, em Santa Maria, onde o Exército instalou pontes provisórias, que seguem em operação, assim como na ponte sobre o Arroio Barriga, em Novo Cabrais.

Nos quatro trechos críticos, a concessionária elaborou novos projetos, para que a reconstrução incluísse a duplicação, com elevação da pista e novas estruturas de resiliência na base. Os projetos, apresentados ainda em abril ao governo, responsável pela concessão, preveem R\$ 500 milhões nessas obras e, naturalmente, um acréscimo de pelo menos R\$ 200 milhões no valor global da concessão, que prevê, em 30 anos, até R\$ 3,8 bilhões em investimentos – em torno de

Investimentos em rodovias na macrorregião central

► **RSC-287:** caso a adaptação de projetos seja aceita pelo governo do Estado, obras de duplicação da rodovia que cruza o Vale do Rio Pardo e o Centro do Estado podem receber mais de R\$ 600 milhões neste ano.

► **BR-386:** duplicação da rodovia, no primeiro trecho do Vale do Taquari, deve ser finalizada este ano, com até R\$ 1 bilhão de investimentos no ano em três frentes de obras na rodovia.

► **Bloco 2 de concessões:** o bloco de rodovias a serem concedidas pelo governo do Estado inclui três estradas entre os vales do Taquari e Rio Pardo, e terá R\$ 1,5 bilhão em aportes públicos.

► **Recuperação de rodovias:** a macrorregião recebeu R\$ 663 milhões em obras de recuperação de pelo menos nove trechos das rodovias RSC-453, ERS-425, ERS-332, ERS-129, ERS-149, ERS-348, ERS-640.

FONTE: GOVERNO DO ESTADO, CCR VIASUL, ROTA SANTA MARIA

R\$ 2 bilhões até 2028, quando a Rota Santa Maria ainda pretende ter entregue 130 quilômetros de duplicação. A dúvida está no custeio dos valores adicionais ao contrato de concessão. Há possibilidade de serem bancados com recursos do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs), mas ainda não há sinal verde por parte do governo.

Trecho da BR-386 entre Lajeado e Marques de Souza será concluído

A duplicação da rodovia BR-386 absorve a maior parte do R\$ 1 bilhão previsto pela CCR ViaSul em investimentos nas rodovias administradas pela concessionária no Rio Grande do Sul neste ano.

Com três frentes de trabalho

simultâneas na BR-386, o diretor Fernando Henrique de Marchi garante que a prioridade é finalizar essas obras antes de iniciar qualquer novo trecho de duplicação.

A chamada Rodovia da Produção liga a região produtora

de grãos, no Norte do Estado, à Região Metropolitana, cruzando pelo Vale do Taquari e, por isso, sinônimo do desenvolvimento da região. A cada dia, com ampliação durante o período de safra, são até 15 mil caminhões trafegando na rodovia. A movimentação varia de 10 a 80 veículos por hora pela BR-386.

“O ritmo das nossas obras carece muito do fator climático, temos hoje frentes de trabalho em praticamente todas as áreas da rodovia para compensar o tempo que perdemos com a chuva, e isso também tem feito com que a nossa engenharia desenvolva soluções com novos materiais e estruturas para a base das rodovias, que precisou ser adaptada. O trabalho no Rio Grande do Sul tem sido um aprendizado para também aplicarmos em outros lugares no Brasil, especialmente em

relação a como tratar o solo úmido pelo excesso de chuvas”, aponta o diretor.

A necessidade de adaptações no modelo construtivo adotado pela concessionária exigiu, por exemplo, a retomada à estaca zero do acesso ao bairro Montanha, em Lajeado. Já a ponte entre Estrela e Lajeado, conforme Marchi, nunca esteve em risco de colapso, mesmo com a força do Rio Taquari. No entanto, o impacto da barca, levada pela água a partir do Porto de Estrela, fez com que, durante 8 meses, fosse necessário reforçar os pilares.

A previsão é de que seja entregue, finalizada, a duplicação do trecho entre Lajeado e Marques de Souza, com 20 quilômetros, até outubro. Antes disso, em agosto, a faixa adicional da rodovia entre Estrela e Lajeado deve estar pronta.

Bloco 2

Se concessionárias estão adaptando projetos e materiais construtivos em virtude dos eventos climáticos, o governo do Estado tratou de adaptar os planos para a futura concessão do chamado Bloco 2. Os recursos do Fundo do Plano Rio Grande no polo de rodovias serão ampliados em R\$ 200 milhões, chegando a R\$ 1,5 bilhão de investimentos públicos previstos – com redução do teto de valor para pedágios. As mudanças incluem a elevação de cotas para pontes e acréscimo de camada drenante nas duplicações em áreas afetadas pelas enchentes. Este bloco contempla três rodovias do Vale do Taquari, a ERS-128 (Via Láctea), que corta a bacia leiteira entre Teutônia e Fazenda Vilanova; a ERS-129, entre Dois Lajeados e Encantado; e a ERS-130, que liga Arroio do Meio a General Câmara.



CCR/DIVULGAÇÃO/JC

Rodovia cruza o Vale do Taquari e liga Norte do RS à área metropolitana

Reportagem Especial

Estrela tem o metro quadrado mais valorizado

Área do município junto à rodovia BR-386 ganha novos centros logísticos e atrai grandes grupos

Às margens da BR-386, em seu trecho já duplicado, em Estrela, está o metro quadrado mais valorizado do Vale do Taquari. É ali que se multiplicam as estruturas logísticas e novas empresas que chegam ao município, especialmente após as cheias de 2023 e 2024. E quem chegou antes colhe os frutos.

“Hoje são 20 mil metros quadrados construídos, e todos os nossos pavilhões estão ocupados. Ainda temos área para avançar e para adaptar conforme a necessidade do empreendedor interessado. A capacidade deste local ainda permitirá, pelo menos, dobrar a área construída para compra ou locação”, explica

o agente imobiliário Marcelo Munhoz, responsável pelos novos negócios do Grupo Betiolo.

Ele negocia os espaços no Complexo Betiolo, um condomínio logístico criado há mais de quatro anos às margens da BR-386. Foram investidos R\$ 50 milhões pelo grupo, que originalmente atua na área de revendas de veículos, mas percebeu a oportunidade e também tem loteamentos em Caxias do Sul e Lajeado. Em Estrela, porém, está o grande potencial de crescimento pela capacidade logística.

“Neste ponto, você está a 106 quilômetros de Porto Alegre e a 12 de Lajeado, e com a vantagem de evitar horários críticos, por exemplo, na Região Metropolitana, e qualquer imprevisto, pelo outro lado, com a ponte entre Estrela e Lajeado. Temos recebido consultas

diárias de transportadoras interessadas neste movimento para a área que, costumamos dizer, é o portão de entrada do Vale”, aponta Munhoz.

Segundo o especialista, à medida em que a obra de duplicação da rodovia avança, o valor dos terrenos naquele ponto já quadruplicou, especialmente antes da ponte entre Estrela e Lajeado, que inclui municípios como Fazenda Vilanova e Bom Retiro. Em frente ao Complexo Betiolo, por exemplo, há o 386 Business Park, onde funcionam empresas como a Medical San, Rodoil, STW Automação e Cosa Nostra.

De acordo com o relatório da CCR Viasul, responsável pela duplicação da rodovia federal, no primeiro trimestre deste ano, houve aumento de 3% no movimento de veículos pesados na rodovia em relação

ao mesmo período do ano passado. Em 2024, mesmo com a calamidade acentuada no Vale do Taquari, este movimento também teve leve aumento, de 0,35%, em relação a 2023. Algo que, segundo o diretor da CCR ViaSul, Fernando Henrique de Marchi, tende a se consolidar com maior vigor quando concluídas as obras de duplicação.

“Toda rodovia duplicada, além de garantir maior segurança, traz consigo maior desenvolvimento para a região. Hoje, há, sim, um volume crescente no tráfego entre Estrela e Lajeado, mas ainda há incômodos, que são naturais, pelas intervenções. Já há crescimento de fluxo, mas ele será maior e mais consolidado com o fim das obras”, aponta o executivo.

Estão instalados no condomínio do Grupo Betiolo o Mercado Livre, o Grupo Passarela,

o Grupo SIM, a CCR, com a sua usina de asfalto, e a Refeisucos, que prepara a sua transferência de Lajeado para o município vizinho, em um movimento que tem crescido nos últimos anos.

Em Lajeado, a distribuidora de food services, que começou sua atuação somente com sucos, operava em uma área de 1,2 mil metros quadrados. E a área ficou pequena para a expansão dos negócios. No Complexo Betiolo, o novo pavilhão, com 4,4 mil metros quadrados, foi todo adaptado às condições da empresa.

Novo complexo logístico

Ao longo da BR-386, Estrela concentra dois condomínios logísticos, o Betiolo e o 386 Business Park, além de um centro da empresa Tomasi.

PREPARE SUA EMPRESA PARA O FUTURO

O CIEE-RS conecta sua **organização** a jovens com vontade de aprender, crescer e transformar.

Em um mercado competitivo, quem aposta em talentos com propósito sai na frente.

O **CIEE-RS** é seu **parceiro estratégico** no recrutamento de estagiários e aprendizes. Oferecemos acesso a jovens talentos preparados para contribuir desde o primeiro dia, além de soluções que otimizam o processo de seleção, reduzem custos e fortalecem a cultura organizacional.



in ciee-rs

@cieers @ciee_rs

Acesse nosso site e encontre os perfis ideais para a sua empresa.



Nossos diferenciais:



Plataforma inteligente para recrutamento personalizado



Teste comportamental com foco em compatibilidade



Suporte próximo, humano e estratégico em cada etapa



Conexão com políticas de inclusão e responsabilidade social



Panorama

Mapa aponta redesenho gradual da economia das Regiões Central, Vales e Jacuí Centro

Eduardo Torres e Ana Stobbe

Conheça 18 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul

1. MIGRAÇÃO POPULACIONAL E DE NEGÓCIOS APÓS CHEIAS

Mais de 30% das áreas atingidas na cheia de 2024 estão na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico do RS. Isso provocou migrações internas, especialmente no Vale do Taquari. Em Teutônia, 3 mil pessoas chegaram ao município e 800 empresas foram abertas entre maio de 2024 e maio deste ano. Movimento de novos negócios semelhante acontece em Estrela e Paverama, com a valorização da rodovia BR-386, em duplicação. Em Lajeado, a prioridade é atrair empresas de inovação.

2. RECONSTRUÇÃO MOVIMENTA CONSTRUÇÃO CIVIL

Até o momento, mais de R\$ 80 milhões foram garantidos em investimentos públicos para estruturação de novos bairros e construção de casas permanentes nas áreas mais atingidas pela cheia de 2024. É a metade dos investimentos já programados para as novas instalações, que tendem a movimentar ainda mais a construção civil. Porém, boa parte dos atingidos pelas enchentes segue em casas provisórias.

3. DUPLICAÇÃO DE RODOVIAS E OBRAS EM ESTRADAS

Mais de um ano após a cheia, a RSC-287, eixo fundamental entre o Vale do Rio Pardo e a Região Central do Estado, segue com quatro trechos provisórios para o tráfego e o ritmo da duplicação abaixo do esperado. A concessionária Rota Santa Maria aguarda o reequilíbrio do contrato e aprovação de novos projetos pelo governo do Estado. O Piratini também anunciou a readequação de investimentos para as rodovias do Bloco 2 de concessões de rodovias estaduais. Por parte do Daer, ainda são desembolsados valores para recuperação de rodovias na região. Depois de atrasos ampliados pela cheia do ano passado, avançam as frentes de obras na duplicação da BR-386, a Estrada da Produção, no Vale do Taquari. A concessionária CCR Viasul garante concluir o trecho dentro da microrregião neste ano.

4. ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO

Cidades como Lajeado, Santa Cruz do Sul e Santa Maria tornam-se referências na criação de ecossistemas favoráveis à inovação, tecnologia e empreendedorismo. Com universidades e polos tecnológicos multiplicando-se, a macrorregião é ambiente propício ao desenvolvimento de novas startups. O desafio é garantir a qualificação de talentos para preencher as novas exigências do mercado de trabalho. São comuns na região vagas abertas nas principais empresas.

5. FABRICAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE DOCES

Da guerra econômica protagonizada pelos EUA aos preços de commodities, como o cacau, passando pela recuperação da economia regional após dois anos seguidos de enxurradas, a indústria de doces do Vale do Taquari investe e busca soluções criativas para seguir em destaque. A Docile, por exemplo, figura entre as 100 maiores empresas de doces do mundo. A Neugebauer, para driblar a crise do cacau, investe em receitas diferenciadas, e isso tem garantido posições de liderança no mercado brasileiro.

6. INDÚSTRIA DE BEBIDAS

Entre água mineral, refrigerantes, cervejas, passando pelos energéticos, a produção de bebidas na faixa central do Rio Grande do Sul se mostrou estratégica, especialmente durante a cheia do ano passado, quando a Região Metropolitana de Porto Alegre ficou ilhada. Vieram das fábricas da macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico do RS as soluções. São pelo menos 50 indústrias do setor nas regiões, e a partir do evento da cheia, os investimentos para ampliação de produção e reforço logístico, inclusive com avanço a novos mercados, se consolidam.

9. AVANÇO DA SILVICULTURA

Projetos de produção de eucaliptos e acácia negra associada ao cultivo do tabaco já são incentivados há décadas na região, mas é possível que creçam a partir de iniciativas que fomentam a relação entre empresas que tem madeira como matéria-prima e os agricultores locais. Alguns exemplos disso são trazidos pela Haas Madeiras e pela Dexco. As áreas plantadas também podem crescer em virtude da aprovação de uma revisão do Zoneamento Ambiental da Silvicultura.

10. PRODUÇÃO DE ETANOL COM TRIGO

Ainda neste ano deve ter o início a produção da primeira usina de geração de álcool a partir da produção de trigo no Vale do Jaguari, em Santiago. A verticalização da produção de grãos tem potencial para ampliar o cultivo também nos meses de inverno, em uma região já consolidada pelas safras de verão.



7. PRODUÇÃO INTEGRADA DO TABACO

Com alta rentabilidade no mercado externo e livre das maiores consequências da cheia do último ano, a produção de tabaco no Vale do Rio Pardo representou, nos primeiros seis meses do ano, 14% de todos os valores exportados pelo Rio Grande do Sul. O setor segue investindo pesadamente na integração entre a produção rural e as indústrias, do cuidado com o solo à alta tecnologia nos processos nas fábricas.

8. BACIA LEITEIRA

Para a superação das dificuldades provocadas pela perda de animais e de leite com os obstáculos impostos pela cheia de 2024, a criatividade do setor tem sido fundamental para que a produção na terceira maior bacia leiteira do Estado avance neste ano.

11. NOVOS GRÃOS PARA A INDÚSTRIA

Empresas como a 3tentos investem fortemente na produção de grãos alternativos na faixa central do Estado, como a canola, para as culturas de inverno que abastecerão a sua produção industrial de óleos no Norte do Estado. Processo semelhante acontece com grãos como a aveia, que avançam na região.

12. PRODUÇÃO DE ERVA-MATE E NOZ-PECÃ

A tradição da produção de erva-mate no Vale do Taquari, que lidera desde a quantidade das folhas colhidas até a presença no mercado internacional do mate, tende a receber mais um aditivo para a sua valorização, com a possibilidade de receber a identificação geográfica pelas suas características próprias de cultivo e produção. Caso se concretize, será a segunda região gaúcha com esse reconhecimento. O desenvolvimento do plantio e da industrialização da noz-pecã, a partir de Cachoeira do Sul, coloca a macrorregião no protagonismo de uma cultura de alto valor agregado.

13. CULTIVO DE SOJA E ARROZ

A industrialização das culturas de verão – soja e arroz – garante papel de destaque à produção da faixa central do RS no mercado nacional e de exportação. Ainda assim, especialmente o setor do arroz, ressurte-se da baixa nos preços e da necessidade de investimentos para recuperação de áreas atingidas pela cheia histórica de 2024.

14. AZEITES E VINHOS

Encruzilhada do Sul, no limite entre o Vale do Rio Pardo e a Campanha, na Serra do Sudeste, é considerada o centro da "Toscana brasileira", com características únicas que garantem ao município a liderança no Estado na produção de oliveiras e a produção altamente valorizada de azeites. Levantamento do IBGE aponta, entre os cinco maiores municípios produtores de oliveiras na macrorregião, a valorização de mais de R\$ 6,5 milhões na safra de 2023. A diversificação de solos, ventos e até de clima dentro de um mesmo território, valorizam a uva e, mais recentemente, o vinho produzido especialmente em Encruzilhada do Sul.

Municípios com mais oportunidades

Lajeado

Arroio do Meio

Estrela

Encantado

Santa Cruz do Sul

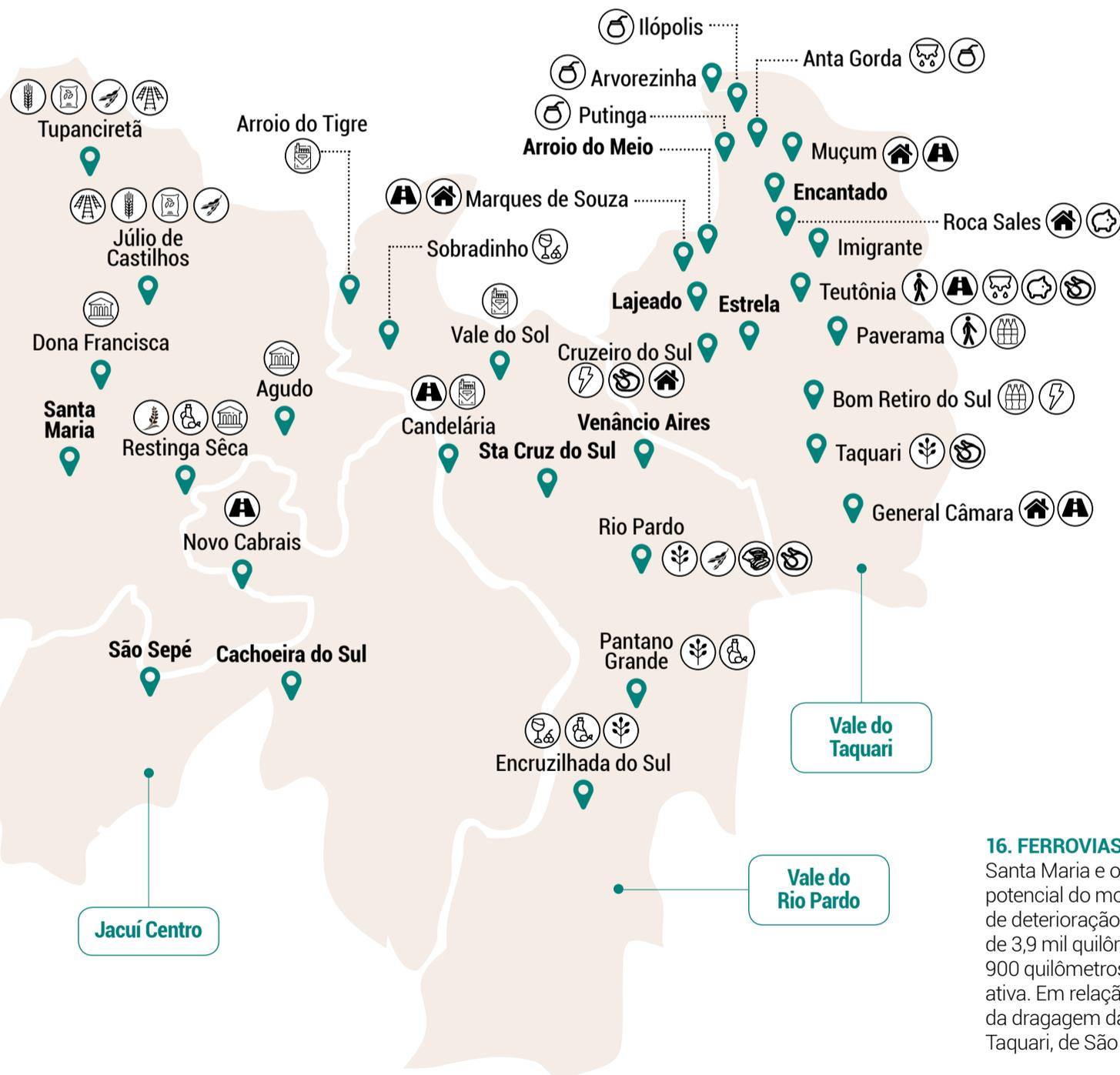
Venâncio Aires

Cachoeira do Sul

Santa Maria

São Sepé

Santiago



15. CADEIA PRODUTIVA DE PROTEÍNA ANIMAL

Após as cheias, o RS tem registrado sucessivos aumentos no abate de suínos, e a faixa central do Estado concentra pelo menos 30% deste mercado, que agora surfa na onda de bons preços e de conquista de novos compradores fora do Brasil. Passada a desconfiança e a crise provocadas pela gripe aviária, a produção de frangos espera retomar o melhor ritmo entre agosto e setembro. O Estado registra aumento nos abates, e as soluções encontradas por produtores e indústria da região dão resultado e geram empregos. O rebanho na faixa central do RS, especialmente no Vale do Jaguari, aumentou, com avanço do mercado de carnes gaúcho. O setor não foi muito prejudicado pelas cheias.

16. FERROVIAS E HIDROVIAS

Santa Maria e o Centro do Rio Grande do Sul eram símbolos do potencial do modal ferroviário gaúcho. No entanto, com muitos anos de deterioração, boa parte desta capacidade está ociosa. Dos mais de 3,9 mil quilômetros de ferrovias no Estado, só pouco mais de 900 quilômetros estão aptos. Na Região Central só uma rota está ativa. Em relação a hidroviias, está prevista para este ano a licitação da dragagem da hidrovia Brasil-Uruguai, conectada à hidrovia do Taquari, de São Jerônimo até a ponte entre Estrela e Lajeado.

17. ENERGIA

Avançam projetos de geração de energia. A Certel busca financiamento para tirar do papel da Hidrelétrica Bom Retiro, no Rio Taquari. Já a Folhito aguarda aval da ANP para distribuição de biometano em Estrela, que já é produzido na planta para consumo próprio da empresa. A Sulgás também planeja levar a rede de gás natural para Lajeado, mas o projeto ainda está em fase de licenciamento.

18. TURISMO

Enquanto os geoparques seguem trazendo público para pequenas cidades do Interior e movimentando suas economias, o Cristo Protetor de Encantado foi finalmente inaugurado, levantando empreendimentos no município do Vale do Taquari. Ambos os casos atraem investimentos para as regiões. Por outro lado, o Trem dos Vales ainda não tem um projeto concreto para retornar às atividades.

Infraestrutura

Redução da malha ferroviária prejudica logística regional

Transporte de grãos na área central do RS registra queda após uma década

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Mesmo com pelo menos cinco empresas especializadas na logística de transporte de grãos operando em Santa Maria, nenhuma delas opta por escoar a produção pelo modal ferroviário. Na cidade que marca o Centro do Rio Grande do Sul, e onde a Rumo Logística, responsável pela concessão das ferrovias gaúchas, tem sede, não há um terminal adequado para o carregamento de grãos.

Um estudo encomendado pelo governo do Estado, avaliando as condições atuais deste modal, mostra que, entre 2013 e 2023, o eixo entre Cruz Alta, Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Santa Maria, Cacequi e Porto de Rio Grande teve redução de pelo menos 30% no fluxo de grãos enviados por trem. Após as cheias de 2023 e 2024, a situação ficou ainda pior.

Este foi o único trecho de

ferrovias gaúchas que seguiu com fluxo, mas com apenas seis trens — que têm uma das menores médias de velocidade do País — por semana. “Não usamos a ferrovia porque não encontramos uma estrutura adequada em Santa Maria. O nosso transporte é todo feito por caminhões, e isso resulta, claro, em custos elevados. Em torno de 60% da diferença entre o preço que pagamos ao produtor e o que vendemos o grão no Porto de Rio Grande é destinado a esse custeio”, aponta o gerente de grãos da Bordignon Grãos, Dilvan Vieira, que opera com unidades em Santa Maria e São Sepé.

Somente esta empresa de logística de grãos, que faz o intermediário entre os produtores da Região Central e o Porto, transporta, em média, 1,3 milhão de sacos de soja por safra. Os grãos respondem por mais de 86,9% das exportações de Santa Maria que, entre janeiro e junho, foi o 16º município gaúcho em valores de cargas enviadas ao exterior. No entanto, com uma movimentação de US\$ 89,45 milhões, Santa Maria registrou queda de 12,7% nas exportações em relação ao

mesmo período do ano passado.

Mas Santa Maria tinha uma importância ferroviária além dos grãos. Após a cheia, o ramal que ligava o município a Canoas para o transporte de combustíveis também foi rompido e não recuperado pela Rumo Logística. Os únicos terminais que ainda têm algum fluxo de grãos para os trilhos estão em Júlio de Castilhos, que divide com Tupanciretã as principais áreas de plantio de soja na faixa central do Rio Grande do Sul. Há ainda operação em Cacequi, que também já teve desativada a ligação por trem com Uruguaiana.

Um pouco mais ao Sul, mas ainda na Região Central, a Cooperativa Tritícola Sepeense (Cotrisel), uma das principais produtoras de soja e arroz da região, por exemplo, abandonou o uso da ferrovia há 20 anos. Até aquele momento, a Cotrisel escoava sua produção pelos trilhos a partir de Restinga Sêca até Rio Grande, mas não teve mais condições. “Houve falta de interesse e de manutenção da concessionária”, conta o presidente, José Paulo Salerno.



TÂNIA MEINERZ/JC

Trilhos em ferrovia em Santa Maria, trecho operado pela Rumo

Perdas ferroviárias

■ Do total de 3,8 mil quilômetros da malha ferroviária gaúcha, pouco mais de 921 quilômetros têm condições de operação.

■ A única linha ativa para escoamento de grãos cruza a Região Central do Estado, com uma redução de quase 50% no fluxo de cargas, mesmo com o aumento de 70% na produção, nos últimos 18 anos.

■ Mesmo com importância

estratégica, as Regiões Central e Vale do Rio Pardo já não operam contêineres nem cargas líquidas, como combustíveis.

■ Estudo encomendado pelo governo do Estado propõe entre R\$ 17 bilhões e R\$ 35 bilhões em 30 anos, para recuperação da malha ferroviária gaúcha, tendo o Centro do Estado como área protagonista do projeto.

O terminal de Restinga Sêca é um dos já desativados na região. Nos últimos 18 anos, a redução de movimentação de grãos por trens no Rio Grande do Sul foi de quase 50%, enquanto a produção aumentou em mais de 70%. Lá na ponta, no Porto de Rio Grande, os trens respondem por apenas

6% da movimentação de cargas. No Vale do Rio Pardo, onde está a produção industrial de tabaco — que responde por pelo menos 14% de todas as exportações gaúchas entre janeiro e junho —, sequer há ramais em condições de transportar contêineres carregados até o porto.

Após enchentes, hidrovia do Taquari se fortalece com obras e novos projetos

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Com a segunda maior rede hidroviária do País, o Rio Grande do Sul pode ter a sua capacidade de transporte ampliada em um futuro breve. Afinal, prevista para ocorrer no segundo semestre de 2025, a licitação da dragagem e sinalização da hidrovia Brasil-Uruguaí aumentará as possibilidades de fluxos logísticos em outros canais, incluindo a hidrovia do Taquari.

Com uma extensão de 86,5 quilômetros navegáveis, a hidrovia do Taquari vai de São Jerônimo até a ponte entre Estrela e Lajeado, mas permite a integração com diversos canais que interligam cidades-chave para a logística gaúcha. Ou seja, o Vale do Taquari passa a estar conectado com Cachoeira do Sul e os portos de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande.

A hidrovia Brasil-Uruguaí, associada à modernização dos complexos de barragens e



DNIT/DIVULGAÇÃO/JC

Sistema Brasil-Uruguaí será conectado à hidrovia do Taquari

eclusas permitirá que o país vizinho seja acrescido à lista de destinos possíveis das cargas que trafegam pelos canais gaúchos. “Teremos um sistema hidroviário confiável, incluindo a ligação do Vale do Taquari com o Uruguaí. Este fato deve promover a implantação de novas empresas e incentivar a utilização da hidrovia do rio Taquari para movimentação de cargas diversas”,

projeta o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), responsável pela hidrovia.

Hoje, o principal produto escoado pela hidrovia do Taquari é areia destinada à construção civil, uma das áreas que têm demonstrado crescimento no Estado conforme a divulgação trimestral dos dados do Produto Interno Bruto (PIB), realizada pelo Departamento de Economia e Estatística do

Rio Grande do Sul (DEE-RS). Nos primeiros três meses de 2025, o setor cresceu 4,1% em relação ao mesmo período do ano passado na economia gaúcha. No Brasil, o indicador foi menor, registrando uma alta de 3,4%. As cargas transportadas pela hidrovia são registradas diariamente pelo Dnit e, embora tenham caído em 2023 e em 2024, anos que registraram enchentes no rio Taquari, podem voltar a crescer.

Apesar do período de inafabilidade devido às condições climáticas em ambos os anos, quando o volume do curso d’água retornou ao normal, a navegação pôde ser retomada rapidamente, especialmente em 2024, quando foram 10 dias sem operação.

“Isto foi possível em função dos contratos de operação e manutenção dos complexos de barragens/eclusas sob responsabilidade da autarquia, bem como dos contratos de levantamentos hidrográficos e dragagem continuadas do canal de navegação da hidrovia do rio Taquari”,

considerou o órgão federal em nota enviada à reportagem.

Após os eventos climáticos, o complexo de Bom Retiro passou por obras de manutenção nas estruturas e sistemas, e segue sob monitoramento contínuo, com equipe fixa dedicada a essa tarefa. Segundo o Dnit, também está em revisão o orçamento e os projetos preliminares para a contratação de obras de reforma, recuperação e modernização de toda a hidrovia. Em 2025, até o mês de junho, 31.428 toneladas foram transportadas pela hidrovia do Taquari. O volume já representa quase a metade do valor registrado em 2024, de 69.939 toneladas.

Cargas transportadas nos últimos 5 anos

■ 2021 - 147.026 toneladas
■ 2022 - 195.179 toneladas
■ 2023 - 148.370 toneladas
■ 2024 - 69.939 toneladas
■ 2025 - 31.428 toneladas (até o mês de junho na hidrovia do Taquari)

Fonte: Dnit

Infraestrutura

Certel vai construir hidrelétrica entre Cruzeiro do Sul e Bom Retiro do Sul

Investimento inicial de R\$ 250 milhões está estimado, atualmente, em R\$ 500 milhões

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

No início de 2024, o Vale do Taquari já acompanhava ansioso o anúncio do projeto da Certel para a construção da Hidrelétrica Bom Retiro. Entretanto, as enchentes que assolaram a região em maio daquele ano obrigaram a empresa a realizar uma readequação da proposta que gerará 35 megawatts de energia elétrica para beneficiar 100 mil pessoas. A estrutura será instalada no Rio Taquari entre os municípios de Cruzeiro do Sul e Bom Retiro do Sul.

Agora, a previsão é de que as obras iniciem em setembro de 2025, com conclusão prevista entre três e quatro anos depois, conforme afirma o presidente da Certel, Erineo José Hennemann. Os investimentos, por sua vez, deverão crescer. Assim, os R\$ 250 milhões anunciados inicialmente em 2024 se converteram em uma estimativa de R\$ 500 milhões.

Do montante, cerca de 30% deverá ser custeado por recursos próprios. O restante, a Certel espera financiar, sendo a possibilidade mais concreta a de que o acordo possa ser realizado com o Banco Regional



CERTEL/DIVULGAÇÃO/JC

Hidrelétrica Bom Retiro deve ter obras a partir de setembro, com conclusão em três a quatro anos

de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). A definição dependerá do resultado do próximo leilão da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

“Estamos aguardando com ansiedade esse leilão, para que possa nos dar condições para que esse investimento seja autossustentável, consiga se pagar, e para conseguirmos iniciar as obras com tranquilidade. Uma obra dessas tem uma vida útil de mais de 150 anos, então gostaríamos de ter um prazo de financiamento maior. Hoje, está na faixa de oito anos”, avalia Hennemann.

A questão também leva

em consideração a relevância da produção de energia a partir da água, conforme avalia o presidente.

“É uma energia de base e que sustenta a falta das gerações de energias intermitentes, como as eólicas, quando falta vento, ou as solares, quando não tem sol. Por isso, temos que ter um olhar diferenciado para as hidrelétricas, buscando mudanças talvez tanto no financiamento quanto no prazo”, acrescenta.

A empresa também possui um projeto de energia eólica em Teutônia, na mesma região, e que avançou nos estudos de

medições de ventos na área. Apesar disso, Hennemann considera que ainda será necessário aguardar mais tempo para a sua execução. O mesmo ocorre com iniciativas voltadas à produção de energia solar.

O motivo, explica, é a quantidade de aportes que estão sendo realizados no momento e a necessidade de segurança financeira para pagar os financiamentos contratados.

“São projetos viáveis que, havendo alguma alteração no cenário econômico, poderão colocar à disposição dos usuários uma energia de qualidade”, conclui.

Folhito aposta no biometano

No aguardo do registro da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a Folhito planeja distribuir biometano para a substituição de combustíveis a diesel na região do Vale do Taquari. “Estamos vencendo algumas questões burocráticas, enxergamos que o mercado está tendo uma aceitação muito grande do biometano e entendemos que é um combustível que vai participar da matriz energética do Brasil”, explica o diretor da empresa, Fernando Lanús. Hoje, ela produz 3 mil m³ de biometano por dia para abastecimento próprio. Com os imbróglios burocráticos superados para a autorização de comercialização, a capacidade poderá ser ampliada em até seis vezes, chegando a 18 m³ diários e consumindo aproximadamente 600 toneladas de resíduos ao dia.

Como matéria-prima, são utilizados resíduos de agroindústrias da região, como frigoríficos de aves e suínos, indústrias de laticínios e de segmentos cujos resíduos orgânicos possam ser aproveitados. A planta já recebeu um investimento de R\$ 60 milhões e outro aporte de R\$ 24 milhões está previsto para a sua próxima fase, na qual está prevista uma expansão da estrutura atual. Para isso, é aguardada a liberação de uma licença da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam).

Santa Maria trabalha para ampliar saneamento e cumprir marco legal

As principais cidades das Regiões Central, Jacuí Centro e dos Vales buscam investir nos sistemas públicos na corrida contra o tempo para cumprir com o Marco Legal do Saneamento Básico. A legislação determina que os municípios brasileiros precisarão universalizar os serviços de saneamento básico até 2033.

O mais populoso dos municípios desse recorte, Santa Maria, tem se antecipado, especialmente no que diz respeito à coleta de esgoto. “Temos experimentado uma cobertura crescente desse serviço nos últimos anos e, mantendo esse ritmo, podemos alcançar a meta do

Marco Legal entre 2027 e 2029, a depender dos investimentos”, avalia o prefeito Rodrigo Decimo.

A cidade, localizada na Região Central, já possuía alguns bons índices antes da legislação, conforme demonstra o Plano de Desenvolvimento Estratégico de Santa Maria, produzido em 2013 e com ações previstas até 2030. À época, 94,9% da população já possuía água encanada. Um levantamento de 2022 do DEE-RS também indicava que todos os resíduos sólidos estavam sendo corretamente coletados no município. O prefeito, no entanto, antecipa que é possível

que seja realizada uma parceria público-privada (PPP) para a prestação do serviço em um consórcio regional.

A Corsan, responsável por parte dos serviços de saneamento básico no município, realizou pelo menos 28 projetos em Santa Maria recentemente. A empresa também está investindo nos principais municípios das demais regiões. Entre as iniciativas está a perfuração de um poço, a montagem de uma subestação e a interligação do sistema de água em Santiago, no Vale do Jaguari, o que poderá melhorar problemas de abastecimento em épocas de estiagem.



JOÃO VILNEI/PMSM/DIVULGAÇÃO/JC

Cidade mais populosa da Região Central se antecipa na coleta de esgoto

Indústria

Vale do doce exporta para países de diversas partes do mundo

Região do Vale do Taquari concentra grandes fábricas de alimentos

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

A tradição na produção industrial de doces no Vale do Taquari agora tem reconhecimento internacional. A Docile, de Lajeado, figura como a 97ª maior indústria de doces mundiais pelo Top 100 Candy Companies, desenvolvido pelo Candy Industry, dos Estados Unidos. É a única empresa gaúcha, e uma das quatro brasileiras, no ranking. A Docile já é a maior exportadora brasileira de doces e, com a chancela do ranking mundial, a estratégia do presidente Ricardo Heineck, diante do cenário de incertezas na economia mundial, especialmente para quem exporta para os Estados Unidos, é fortalecida: se há incerteza, há maiores investimentos para firmar a posição no mercado.

“Figurar ao lado de players estratégicos e referências globais é um voto de confiança que confirma algo que vínhamos trabalhando há muito tempo para consolidar e já mostra resultados, com a aproximação de muitos clientes internacionais interessados. É, também, uma garantia de que continuaremos contribuindo muito para trazer recursos para o Vale do Taquari, tão castigado nos últimos anos. Temos uma importância social, e, agora, o desafio é

manter essa posição, mesmo com incertezas no mercado. E isso se faz com investimento e cada vez maior qualidade e inteligência para entender o que o consumidor quer dos nossos produtos”, aponta o executivo.

Se a guerra comercial está estabelecida pelos Estados Unidos, o mercado dos candies necessariamente é afetado. Em um primeiro momento, com a super taxação aos chineses, saltando de 25% para 130%, o mercado foi em busca de alternativas. Mas logo o governo Donald Trump negociou com os asiáticos e a taxação nos doces chineses ficou em 30%.

Aos brasileiros, a taxa de importação, que era de 5,6% nos Estados Unidos, saltou para 15,6%. E, a ser confirmada medida anunciada por Trump, deve ser elevada a 50% a todos os produtos brasileiros a partir de amanhã. No final das contas – ou ainda no aguardo pelos próximos capítulos – a taxa para exportar aos norte-americanos ficou mais pesada para a Docile do que para a China. Para os fabricantes do México, por exemplo, as taxas já voltaram a zero.

“Não vamos perder competitividade, especialmente pelas nossas matérias-primas e pela nossa capacidade de nos diferenciarmos em relação à concorrência. Neste ano, por exemplo, lançamos o primeiro marshmallow de pipoca do mundo, assim como o marshmallow de pistache e de paçoca. Somos vistos no mundo



Docile, de Lajeado, figura como a 97ª maior indústria de doces no mundo pelo Top 100 Candy Companies

como uma marca inovadora, 100% brasileira e também em crescimento no mercado interno. Trabalhamos em desenvolvimento de produtos para não ficarmos reféns de taxas”, explica Heineck.

Hoje, 35% da produção de Lajeado é destinada à exportação, e há meta de aumentar em 15% a participação no mercado brasileiro. Para seguir avançando, os investimentos estão a pleno. A partir deste início de segundo semestre, a capacidade de produção da fábrica aumenta em 50%, passando de 200 mil quilos por dia para 300 mil kg.

Com aporte de R\$ 100 milhões – 60% desembolsados neste ano – iniciados no ano passado, a Docile finaliza a instalação da maior linha de produção mundial de balas de gelatina e goma. É a única empresa do setor no País com essa tecnologia. A máquina é instalada no novo prédio da empresa, com 7,4 mil m², construído para adicionar espaço ao centro de distribuição já existente na planta industrial de Lajeado.

A força das marcas locais

- * **Cotrisel:** Arroz Sepé é o 1º entre o interior de Minas Gerais, Espírito Santo e interior do Rio de Janeiro; Tio Lautério é o 2º no Centro-Oeste
- * **Germani:** Biscoitos são 4º na Região Sul do Brasil
- * **Neugebauer:** Bibs é o 2º no Brasil em confeitos de chocolate; barras de chocolate são 5º no Brasil
- * **Lactalis Elege:** Leite UHT é 3º na Grande Rio, 3º no Sul

e 3º no Nordeste; iogurte de frutas é o 2º no Brasil; leite fermentado é 3º no Brasil; requeijão é 4º no Sul do Brasil

- * **Excelsior:** Pizza é 5ª na Região Sul do Brasil
- * **Fruki:** Água Mineral Da Pedra é 5ª no Brasil; Elev é 3º na Região Sul do País em energéticos
- * **Coca-Cola:** Refrigerantes em 1º, 4º e 5º na Região Sul do Brasil

Fonte: Abras 2025

E, para 2026, Ricardo Heineck antecipa que há um novo plano de investimentos em estudos, que deve chegar a R\$ 70 milhões. “Temos crescido mais do que a média do mercado”, resume o presidente, dando alguns indicativos de estratégias futuras. “Já somos fortes na Inglaterra, mas estamos desenvolvendo

um padrão em que as portas se abrem para outros mercados europeus, com o desenvolvimento de produtos veganos e sem ingredientes geneticamente modificados, por exemplo”.

A previsão é garantir R\$ 810 milhões de faturamento em 2025 e, no próximo ano, a meta é chegar a R\$ 1 bilhão.

Indústria aposta em criatividade e diferenciação na produção de chocolates

De um lado, o cenário internacional acende um alerta pela alta nos preços do cacau – em dois anos, a disparada chega a 190%. De outro, há o desafio de manter uma marca consolidada como a quarta mais consumida no Brasil entre todas as indústrias de chocolates no País. A aposta da tradicional Neugebauer, a partir da sua indústria em Arroio do Meio, é investir ainda mais na criatividade.

De acordo com o presidente, Ricardo Vontobel, “a busca por sabores diferenciados e atração de novos públicos, mantendo o foco na qualidade e diversidade de produtos é uma tendência”.

Entre as apostas da indústria de Arroio do Meio estão as barras de chocolate com a roupagem de sobremesas consagradas, na sua linha Noig. O portfólio avança também para

as linhas de chocolates com wafer e de confeitos. Ao todo, aponta Vontobel, a empresa que tem 130 anos conta com mais de 100 produtos, dos chocolates ao doce de leite.

A Neugebauer é uma das 51 empresas que compõem o Arranjo Produtivo Local de Alimentos e Bebidas do Vale do Taquari, que une fabricantes, operadores logísticos e varejo do setor em 12 municípios.

Polo de alimentos e bebidas

* Entre os Vales do Taquari e do Rio Pardo e a Região Central do Estado, são mais de 50 indústrias de bebidas e mais de 1,5 mil empregos gerados pelo setor.

* Entre os Vales do Taquari, do Rio Pardo e do Jaguari, e as Regiões Central e Jacuí Centro, são mais de 500 indústrias do setor de alimentos, com mais de 4 mil empregos.

Fonte: Atlas Socioeconômico do RS

Indústria

Produção de bebidas atrai investimentos no pós-cheia

Eixo entre Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Lajeado reúne 50 empresas do setor

Logística é fator fundamental para qualquer setor produtivo. Mas, quando se trata de alimentos e bebidas, este item é ainda mais essencial. E a cheia de 2024, que deixou a Região Metropolitana ilhada, escancarou

os gargalos da logística gaúcha. Desde então, a faixa central do Estado, que foi tábua de salvação para garantir a manutenção das produções e distribuições de bebidas, que vão da água mineral aos refrigerantes e cervejas, têm atraído investimentos significativos para fortalecer a cadeia produtiva, com vistas também ao avanço para o mercado de Santa Catarina. O caso mais emblemático é o da

Coca-Cola. A fábrica de Porto Alegre só retomou a produção plena neste ano. Desde a cheia, a solução encontrada pela Femsa foi a planta industrial em Santa Maria.

A importância deste eixo foi tamanha que a empresa já anunciou investimentos de R\$ 200 milhões para ampliação da produção na cidade da Região Central, assim como na sua planta na Capital, nos próximos cinco anos.



TÂNIA MEINERZ/JC

Fruki inicia em agosto um segundo ciclo de investimentos de R\$ 110 milhões na cidade de Paverama

Conforme o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, no eixo entre Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Lajeado, são pelo menos 50 empresas do setor de bebidas – 10% do total do Rio Grande do Sul, que tem a Serra e a Região Metropolitana como fortes polos produtores – e Santa Maria é o terceiro maior empregador do setor. O Estado é o terceiro no ranking nacional do setor de bebidas, com 13% dos estabelecimentos e 8% do mercado consumidor brasileiro. Somente entre as participantes do Arranjo Produtivo Local (APL) de Alimentos e Bebidas do Vale do Taquari, são oito empresas do setor.

É o caso da Fruki, uma das indústrias idealizadoras do APL, que escolheu Paverama para um arrojado avanço. Com a sede em Lajeado, depois de iniciada a produção na sua segunda fábrica em Paverama, no final de 2023, a empresa inicia em agosto um segundo ciclo de investimentos, com R\$ 110 milhões, para expandir o seu potencial em mais de 200 milhões de litros de bebidas ao ano, o dobro da atual capacidade do complexo em Paverama.

Chegará a 420 milhões de litros por ano, semelhante ao que já é operado em Lajeado. Além do próprio avanço no mercado, há possibilidade futura, como argumentou no último ano a diretora-presidente

da Fruki, Aline Eggers Bagatini, de produção para terceiros.

O crescimento em Paverama não se limita à produção de bebidas. A nova planta, atualmente, produz cerca de 50 mil garrafas PET de 500 ml por hora e vai dobrar essa capacidade. Somente no primeiro trimestre deste ano, a empresa registrou um crescimento de 53% no volume de vendas e, no faturamento, um incremento de 52%. Resultado, de acordo com Aline, da construção de uma marca ao longo dos anos. Em 2024, a empresa teve os maiores índices de vendas e faturamento com um século de atuação.

A Fruki hoje está consolidada nos mercados gaúcho e catarinense, e nos planos futuros, ainda sem metas concretas, deve avançar a outros mercados brasileiros e ao Mercosul. Se o refrigerante da marca Fruki é aquele que mais aparece na lembrança do consumidor, o crescimento da empresa está diretamente vinculado às produções de água mineral, sucos e água saborizada.

É no ramo de água mineral que a também tradicional Schuck Bebidas, de Santa Cruz do Sul, completa um ciclo de R\$ 8 milhões de investimento na sua produção. A empresa consolida a sua marca de água além do Mamiputuba, no mercado de Santa Catarina.

Usina em Santiago levará o trigo da lavoura para as bebidas gaúchas

A previsão era de que no final do ano passado estaria inaugurada, em Santiago, a primeira planta industrial de produção de etanol partir do trigo colhido especialmente no Vale do Jaguari e na Região Central do Estado, mas o projeto esbarrou em gargalos para a execução das obras, e, agora, diz o diretor da CB Bioenergia, Tiago Lacerda, a perspectiva é estar operando ainda neste ano.

“Os dois pavilhões já estão na fase construtiva final e todos os testes já foram feitos, com as licenças avançando. Só nos resta mesmo aprontar os pavilhões”, explica Lacerda.

Com uma capacidade, já na arrancada, de processar 100 toneladas de trigo por dia, e gerar 40 mil litros de álcool diários – 12 milhões de litros

por ano –, com o avanço do projeto, a empresa aproveita o tempo para sondar o mercado.

E detectou o crescimento no mercado e nos investimentos do setor de bebidas, especialmente entre as regiões dos vales do Rio Pardo e Taquari, Serra e Metropolitana. Em Lajeado, por exemplo, a Bebidas Chiamulera executa a ampliação da sua fábrica, consolidando marcas de destilados em todo o País. Por isso, este setor será o principal destino da produção da CB Bioenergia, pelo menos nos primeiros meses.

“Vamos priorizar a produção de álcool neutro para bebidas e cosméticos, além do envase de álcool gel 70%, porque hoje remuneram muito melhor, por exemplo, do que o setor de biocombustíveis. Mas, claro, também

produziremos uma parte para o setor de combustíveis. Tivemos o cuidado de, até o momento, como não temos produção para entregar, não fecharmos nenhum contrato de fornecimento”, aponta o diretor.

Na produção de bebidas, o álcool produzido a partir do trigo, com alto teor de pureza e qualidade, entra no processo de bebidas destiladas, mas também está no espectro o fornecimento de CO₂ para refrigerantes, água mineral e outras bebidas obtidas pela fermentação de cereais.

As Regiões Central, Vale do Jaguari e Jacuí Centro não têm os principais municípios produtores de trigo do Estado. Com redução de área plantada nos últimos anos, em 2023, Tupanciretã, com 25 mil hectares, foi o 10^o no Rio Grande

do Sul – no ano anterior, era o terceiro, com 34,1 mil hectares plantados. Todos os municípios da macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico tiveram reduções de áreas de trigo entre 2022

e 2023. No Vale do Jaguari, onde está a planta da CB Bioenergia, Jari e Santiago, que estão entre os cinco maiores plantios de trigo da macrorregião, cultivaram somente 16 mil hectares.



CB BIOENERGIA/DIVULGAÇÃO/JC

Expectativa é que a CB Bioenergia esteja operando ainda neste ano

Indústria

Produção integrada do tabaco impulsiona exportações no Vale do Rio Pardo

Vendas para o mercado externo devem bater recorde neste ano, projeta o Sinditabaco

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Mesmo com 50% dos municípios gaúchos apresentando pelo menos uma lavoura de tabaco, praticamente todo o parque fabril da industrialização do produto – desde o preparo das folhas até a produção de cigarros e charutos – historicamente se estabeleceu no Vale do Rio Pardo.

De acordo com o Sindicato da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), que concentra 80% das indústrias do setor no Sul do País, somente entre Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, são 4 milhões de metros quadrados entre 12 indústrias. E é algo ainda em expansão. O município de Vera Cruz, com 26,7 mil habitantes, chegou a figurar entre os 50 maiores exportadores do Rio Grande do Sul nos primeiros cinco meses do ano, mas fechou junho como o 52º.

O resultado aparece na balança comercial. Entre janeiro e junho deste ano, a exportação de tabaco respondeu por 14%

dos volumes negociados pelo Estado. Somados, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz negociaram US\$ 1,2 bilhão neste período. Nos três municípios, o tabaco e os produtos do tabaco respondem por mais de 95% dos produtos vendidos no exterior.

“É um produto muito valorizado no mercado internacional, e a indústria, muito bem estabelecida aqui, garante a absorção da demanda aos produtores. É uma cadeia produtiva centenária, que há muito tempo se organizou de maneira integrada entre os produtores e a indústria, com um canal direto e garantido. Foi justamente a produção integrada que nos garantiu, nestes últimos 30 anos, liderança mundial no setor”, explica o presidente do Sinditabaco, Valmor Thesing.

Soma-se a isso o fato de que a cultura tem escapado pela tangente dos problemas climáticos no Rio Grande do Sul, o que acaba rendendo vantagem na produtividade e nos preços em relação a outros grandes cultivos no Estado.

“Fomos a cultura menos atingida pelos eventos de 2023 e 2024. O plantio com mudas é feito entre março e abril. Depois, a planta vai para viveiros



Entre Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, há 12 indústrias do setor

e, em julho, é transplantada para a lavoura. Em novembro, já tem colheita. Quando houve enxurrada, o tabaco já estava na indústria e ainda não tinha sido plantado na lavoura, e elas não foram atingidas, e quando dá estiagem, já colhemos. Ainda assim, tivemos uma quebra de 17% no último ano e, claro, perdas no solo”, aponta.

A estimativa é de que pelo menos 30% dos solos usados no plantio do tabaco foram afetados. E aí entra, literalmente, em campo a expertise da produção integrada. Se na ponta da indústria há alta tecnologia, na base, ela gera conhecimento e investimento em qualificação. Há pelo menos dois estudos em andamento, com apoio do Sinditabaco. Em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é feito um trabalho de reflorestamento junto aos produtores gaúchos, com o desenvolvimento inclusive de novas variedades de eucaliptos.

Já com a Embrapa, foi lançada em janeiro uma pesquisa que visa qualificar, e recuperar, o solo das propriedades com o tabaco, especialmente após o evento das cheias dos dois últimos anos.

“Na fase final deste trabalho, faremos intervenções positivas em 11 propriedades selecionadas. Serão medidas de recuperação a partir do cenário de muitas perdas de solo que têm acontecido e tendem a continuar acontecendo, com eventos extremos. Do ponto de vista produtivo, há conhecimento acumulado e histórico na produção do tabaco, e, muitas vezes, não são as mais adequadas, com muitas áreas com erosão e manejo inadequado. Como a cultura tem valor elevado, alguns não levam essas questões tão a sério, porque a

perda que há é compensada, mas a perda da camada superficial de solo pode levar ao ponto de não retorno. O manejo e a conservação são fundamentais”, explica o coordenador do projeto, Adilson Bamberg.

Na pauta das possíveis intervenções estarão o uso de bioinsumos, a cobertura de solo e o uso de camalhões. A pretensão é de que o resultado, aponta Bamberg, garanta melhoria de solo e, principalmente, maior produtividade.

No momento, os pesquisadores preparam-se para ir a campo fazer o levantamento em um universo de até 400 propriedades. Em um ano, estima o coordenador do estudo, devem haver os primeiros dados importantes para os produtores gaúchos. A pesquisa tem duração prevista de cinco anos.

Depois da safra de 508 mil toneladas em 2024, com os preços atrativos da indústria e do mercado externo, a estimativa para 2025 é chegar a 700 mil toneladas colhidas. De acordo com Thesing, o volume exportado deve ficar entre 10% e 15% superior ao último ano. “Será a maior exportação da história, superando 2012”, diz o presidente do Sinditabaco.

As boas condições comerciais, com garantias, refletem no campo. Para 2025, houve aumento de quase 4% no volume de produtores integrados e aumento de 9% na área plantada.

Lideranças do setor buscam sensibilizar o poder público para a importância desta cultura à economia gaúcha e do Sul do Brasil. Em virtude das restrições aos derivados do tabaco, mesmo que 90% da produção seja direcionada à exportação, os plantios do tabaco, em geral feitos por pequenos agricultores, não podem receber recursos do Pronaf.

Indústria descobre Vera Cruz

A oferta de terrenos às margens da rodovia RSC-287, com a perspectiva de duplicação nos próximos anos, tem garantido uma transformação na economia do município de Vera Cruz, no Vale do Rio Pardo. A produção rural do tabaco historicamente garante 70% da arrecadação do setor primário na prefeitura local. Levantamento da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) mostra que, na safra 2023/24, eram 1,6 mil famílias locais dedicadas à produção – o 11º município com mais produtores no Estado. Agora, a cadeia produtiva do tabaco avança e garante maior valor agregado, com o fortalecimento de indústrias fumageiras. “O crescimento da cultura, e principalmente da integração, tem uma importância social fundamental no nosso município. Enquanto o setor industrial avança, no setor primário o poder público tem agido para dar o apoio a esses produtores, que têm pequenas propriedades. Neste ano, por exemplo, já fornecemos mais calcário e composto orgânico do que em todo o ano passado, no trabalho de recuperação do solo após as cheias. São famílias que tiram o seu sustento dessa produção e fazem a nossa economia girar. É um produto voltado à exportação, se não tivermos o máximo cuidado com a qualidade, outros mercados vão atender a essa demanda”, explica o prefeito Gilson Becker, que preside a Associação dos Municípios Produtores de Tabaco (Amprotabaco).

A produção de tabaco nos municípios do Vale do Rio Pardo

- **Venâncio Aires:** 8,2 mil hectares, 15,1 mil toneladas produzidas (2º RS)
- **Vale do Sol:** 5,416 mil hectares, 9,435 mil toneladas produzidas (4º RS)
- **Candelária:** 5,410 mil hectares, 9,424 mil toneladas produzidas (5º RS)
- **Santa Cruz do Sul:** 5,2 mil hectares, 9,08 mil toneladas produzidas (6º RS)
- **Arroio do Tigre:** 3,8 mil hectares, 5,9 mil toneladas produzidas (9º RS)

Fonte: Afubra, 2024

Destaques entre municípios exportadores da faixa central do RS

- ♥ **Santa Cruz do Sul** (2º do RS) negociou US\$ 738,3 milhões (+10,4%/2024): 96,1% em tabaco e produtos do tabaco
- ♥ **Venâncio Aires** (5º do RS) negociou US\$ 489,6 milhões (-0,7%/2024): 98% em tabaco e produtos do tabaco
- ♥ **Santa Maria** (16º do RS) negociou US\$ 89,4 milhões (-12,7%/2024): 86,9% em grãos de soja, arroz e trigo
- ♥ **Cruzeiro do Sul** (19º do RS) negociou US\$ 83,4 milhões (10,4%/2024): 81,6% em gorduras de animais

- ♥ **Lajeado** (22º do RS) negociou US\$ 69,5 milhões (34,5%/2024): 44% em partes de calçados; 28% em doces; 20% em carnes suínas
- ♥ **Cachoeira do Sul** (25º do RS) negociou US\$ 55,1 milhões (13,7%/2024): 76% em tortas e outro resíduos sólidos extraídos do óleo de soja
- ♥ **Encantado** (39º do RS) negociou US\$ 40,5 milhões (8,7%/2024): 66% em mate

Dados de janeiro a junho de 2025
Fonte: Ministério do Comércio Exterior

Indústria

Fábricas tradicionais de Santa Cruz do Sul movimentam a economia local

Xalingo e Mercur impactam a comunidade do município para além da geração de empregos

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

Embora o Vale do Rio Pardo seja lembrado frequentemente pela indústria fumageira, outros segmentos se destacam. Principalmente na sua principal cidade, Santa Cruz do Sul, onde duas grandes fábricas estão instaladas: a Mercur, especializada em artefatos ortopédicos e de borracha, e a Xalingo, produtora de brinquedos. Ambas contribuem para fomentar a economia local.

Centenária, a Mercur vem se reinventando constantemente e buscando ações cada vez maiores para impactar na vida da região. Uma dessas iniciativas pode ser vista no dia a dia do refeitório dos funcionários, cujos itens são adquiridos junto aos produtores locais. Em 2024, 14,5 toneladas de alimentos foram compradas para alimentar

os mais de 600 funcionários da empresa, gerando uma renda de R\$ 104.823,85.

“A Mercur tem um compromisso com a valorização da vida e isso se reflete também na alimentação oferecida no refeitório da empresa. Desde 2013, as refeições são preparadas com alimentos orgânicos fornecidos pela Ao Ponto, em parceria com agricultores locais da região de Santa Cruz do Sul. Para garantir essa alimentação mais saudável e sustentável, a empresa opta por pagar um valor maior por refeição, fortalecendo a agricultura familiar e incentivando práticas que cuidam do meio ambiente”, destaca a CEO da indústria, Fabiane Lamaison.

Outras iniciativas dão conta de gerar impacto na sociedade. “A empresa também é uma das mantenedoras do Projeto Pescar, que oferece formação profissionalizante a jovens em situação de vulnerabilidade. Em 2024, a 15ª turma foi formada com apoio da Mercur, que destinou mais de R\$ 189 mil ao programa, entre salários e benefícios para os



Centenária, Mercur emprega mais de 600 funcionários em sua fábrica e aposta em formação de talentos

15 estudantes participantes”, acrescenta, orgulhosa, Fabiane.

Enquanto isso, a Xalingo também tem apostado na educação, incentivando a inserção de novos profissionais no mercado de trabalho. “Temos atuado, principalmente, nas escolas profissionalizantes que têm desenvolvimento de madeira, já que a empresa nasceu dos brinquedos de madeira”, ressalta o CEO Rodrigo Ebert.

Nesse cenário, o apoio está sendo realizado através de um reaproveitamento da matéria-prima residual da indústria e contribui para uma economia circular. “Fazemos doação da sucata de madeira que sobra do nosso processo e eles usam nas aulas. Principalmente, nos cursos profissionalizantes de marcenaria e isso se reverte no aprendizado. Além disso, eles

acabam vendendo esses artefatos e fomentando esse tipo de produção local”, acrescenta Ebert. Por outro lado, a empresa tem contribuído na geração de empregos da região — assim como a Mercur. “Santa Cruz do Sul é muito favorável para o emprego e para o desenvolvimento. Temos até dificuldade em encontrar mão de obra. Mas temos pessoas que ficam muitos anos na empresa e, às vezes, contratamos por safra. Aí tem pessoas que fazem a safra do fumo na indústria fumageira e depois voltam com a gente para a safra do brinquedo. Temos uma economia que gira bem na região”, projeta o CEO.

Os planos da empresa são, justamente, voltados a intensificar os trabalhos na região. Embora tenha iniciado um projeto em São Paulo, a Xalingo decidiu

Desenvolvimento em Santa Cruz do Sul

- 428 indústrias instaladas, segundo o RAIS 2023, que representam 21,11% do PIB da cidade
- O Valor Adicionado Bruto (VAB) Industrial de Santa Cruz do Sul também representa 52,26% do total do Vale do Rio Pardo
- 51.698 vagas de trabalho registradas em abril de 2025, 5% a mais que no mesmo mês do ano anterior, conforme o Caged e o DEE-RS
- A cidade tem o 11º maior PIB do Estado e o 13º maior VAB Industrial do RS

que permanecerá em Santa Cruz do Sul. “É mais fácil conseguimos produzir com uma maior performance no Rio Grande do Sul do que lá”, explica o executivo.

Inovação e nostalgia são apostas nos lançamentos das empresas

Há quase sete décadas, diversas gerações brincaram empilhando blocos de madeira criativamente para formar construções com o tradicional Brincando de Engenheiro. O produto, bastante conhecido em todo o País, foi criado em 1956 por Norma Laura Baumhardt Minatto, avó do atual CEO da Xalingo. Apostando na nostalgia, a empresa formulou para 2025 novas 12 versões do brinquedo.

Entre as repaginações do original, estão as versões carro e trem do Brincando de Engenheiro. Outras novidades são um livro com cenário magnético que traz historinhas interativas e um jogo de xadrez, que estimulam a criatividade e o raciocínio.

Edições temáticas também contribuem para o mix de produtos, com versões do brinquedo relativas a Nova York, ao Natal e ao Halloween.



“O brinquedo, principalmente o de madeira, tem muito a ver com o desenvolvimento motor e tátil da criança. Temos consciência de que, por mais que o digital entre a partir de uma certa idade, nada vai substituir o físico, porque a criança precisa desenvolver a psicomotricidade. O que muda é a roupagem, mas o estímulo que a criança precisa é o mesmo”, avalia Harsteln.

A Xalingo também tem apostado na produção de brinquedos específicos para crianças com necessidades especiais, como

Xalingo formulou para 2025 novas versões para o Brincando de Engenheiro

transtorno do espectro autista (TEA) e déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). “Fazemos esse trabalho em parceria com pedagogos. Validamos e trocamos os jogos com eles e queremos ampliar essa parceria”, acrescenta o CEO.

A Mercur, por sua vez, tem apostado na inovação. Dentro dessa estratégia, criou uma categoria de negócios chamada Distribuição Exclusiva, voltada à oferta de tecnologias internacionais no setor da saúde. “O objetivo é qualificar o atendimento às demandas de reabilitação e acessibilidade no Brasil, conectando soluções consolidadas no mercado global às necessidades reais de profissionais da saúde e pessoas usuárias no País”,

explica Fabiane. Assim, a Mercur firmou contratos de exclusividade para distribuição de duas marcas de referência mundial: a Bort, da Alemanha, especializada em órteses ortopédicas, e a Allard, da Suécia, líder mundial em órteses de carbono para membros inferiores. “Isso representa um salto em qualidade e inovação, com a oferta de produtos de alta performance voltados à recuperação funcional e ao cuidado com a mobilidade”, acrescenta a CEO. A empresa ainda tem atuado fortemente em uma nacionalização da produção. Por isso, ambas as marcas também tem atuado junto à indústria santa-cruzense para a cocriação de produtos voltados à realidade brasileira.

Agronegócio

Industrialização da soja avança em Cachoeira do Sul

Extração de óleo é o principal produto exportado pelo município da Região Jacuí Centro

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Se em 2024 a industrialização da soja recolocou Cachoeira do Sul entre os principais municípios exportadores no Rio Grande do Sul, nos primeiros seis meses deste ano, houve a consolidação.

O município é o 25º maior exportador gaúcho entre janeiro e junho, e os produtos obtidos a partir da extração do óleo de soja representam 76% dos negócios de empresas locais com o exterior.

Somente neste setor, foram negociados US\$ 41,7 milhões nestes seis meses, um acréscimo de 12% em relação ao mesmo período de 2024.

E a perspectiva é de ainda maior fortalecimento na verticalização da produção de soja no principal município da microrregião do Jacuí Centro.

A Cargill planeja investir R\$ 160 milhões na sua planta em Cachoeira do Sul nos próximos anos para automatizar processos no esmagamento e produção de biodiesel. A empresa já havia investido, entre 2023 e 2024, após a aquisição da antiga planta da Granol, outros R\$ 85 milhões.

“Com esses aportes, somados à qualidade do



CARGILL/DIVULGAÇÃO/JC

Cargill planeja investir R\$ 160 milhões na sua planta na cidade

trabalho dos nossos times, fornecedores e parceiros de negócio, a unidade seguirá avançando como um empreendimento estratégico para a Cargill, para o município e o Estado. A aquisição consolidou a empresa como um dos principais players do biodiesel do País, além de contribuir para a diversificação do portfólio de soluções oferecidas pela empresa, principalmente em produtos destinados às indústrias de cosméticos e farmacêutica”, explica o gerente de operações da Cargill em Cachoeira do Sul, Guilherme Mocci.

A unidade tem capacidade instalada para processar diariamente 2 mil toneladas esmagadas de soja – 1,4 mil toneladas de farelo, 700 toneladas de biodiesel e 100 toneladas de glicerina biodesutilada.

Conforme o gerente, o objetivo, com o novo plano de investimentos, é garantir a produção cada vez mais próxima à capacidade máxima da unidade. As negociações com o exterior, especialmente do biodiesel, concentram-se na Europa e Ásia.

Conforme a empresa, não há planos de expandir a produção em Cachoeira do Sul para o processamento de outros grãos. A aposta, reforça Mocci, é na expertise da produção local de soja. Ele está amparado nos números da safra. A microrregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico concentra três dos dez maiores municípios produtores do grão no Rio Grande do Sul.

Cachoeira do Sul, por exemplo, foi o quinto com maior área plantada em 2023, e o 13º em produtividade no mesmo ano.

Setor arrozeiro alerta para baixa nos preços e alto endividamento

Sem perdas na área plantada em 2024, de acordo com o levantamento do Irga, Restinga Sêca, no Jacuí Centro, foi uma exceção em relação à produção de arroz na faixa central do Estado no pós-cheia. É do município – 22º maior produtor do grão no Rio Grande do Sul – que vem boa parte da produção que abastece a Cooperativa Tríticola Sepeense (Cotrisel), que, com as marcas Sepé e Tio Lautério, tem a liderança no mercado do interior do Sudeste, segundo o levantamento deste ano da Abras.

“Mesmo com os estragos provocados pela cheia em toda a região, a safra do arroz neste ano foi muito positiva em termos de quantidade e qualidade. O problema está no aviltamento de preços, que caiu quase à metade em relação ao último ano. No caso da nossa indústria, iniciamos o investimento na robotização da produção e, neste ano, só estamos finalizando este aporte e não temos como planejar nenhum outro investimento. A cooperativa está atenta a como solucionar o problema para os produtores”, explica o presidente José Paulo Salerno.

É que, se a produção tem sido suficiente para dar retorno ao investimento em melhorias nos processos industriais, garantindo 4 milhões de fardos de arroz comercializados no último ano, volume que deve se repetir neste, na lavoura, os 6,5 mil produtores associados estão endividados. E isso gera muita preocupação futura à cooperativa.

“Trabalhamos com a produção de soja e de arroz. Nos dois últimos anos, houve perda de produção e de área na soja na nossa região. No arroz, houve aumento de produção, mesmo com perda de área, mas sem ganho nenhum. O preço do arroz está abaixo do custo da produção, e isso se reflete na impossibilidade de recuperar solos, por exemplo, perdidos com as cheias. O aviltamento do preço prejudica qualquer possibilidade de investir e o produtor se endivida. Teremos consequências ali na frente”, lamenta Salerno.

Conforme o Irga, a perda de áreas de arroz pelas cheias na faixa central do Rio Grande do Sul chegou a 15,5%. Quando considerada somente a microrregião do Jacuí Centro, o mapa montado pelo governo do Estado aponta 70% de áreas de cultivo de arroz atingidas pela enxurrada.

Para que se tenha uma ideia, em todo o RS, o levantamento do Irga aponta apenas 4% de perdas. Foram 18,3 mil hectares perdidos na região. O maior volume fica em Cachoeira do Sul, onde está a 10ª maior produção do grão. Com uma área plantada de 24,3 mil hectares na safra 2023/24, houve perda de 18,3%. Em São Sepé, onde é sediada a Cotrisel, a perda foi de 4,7%.

Para Salerno, a necessidade de um plano de socorro aos produtores por parte do poder público é urgente. “A perda de solo vai ser recuperada somente em torno de 20 anos”, calcula.

Produção de grãos nos municípios da faixa central do RS

Soja (área plantada)

- 📍 Tupanciretã: 147,9 mil hectares (2º do RS)
- 📍 Cachoeira do Sul: 107,07 mil hectares (5º do RS)
- 📍 Júlio de Castilhos: 104,2 mil hectares (6º do RS)
- 📍 Rio Pardo: 76,3 mil hectares (12º do RS)
- 📍 São Sepé: 73,4 mil hectares (15º do RS)

Soja (produção)

- 📍 Tupanciretã: 205,6 mil toneladas (4º do RS)
- 📍 Júlio de Castilhos: 179,5 mil

toneladas (8º do RS)

- 📍 Cachoeira do Sul: 140,1 mil toneladas (13º do RS)
- 📍 Encruzilhada do Sul: 128,2 mil toneladas (18º do RS)
- 📍 Rio Pardo: 117,02 mil toneladas (21º do RS)

Trigo (área plantada)

- 📍 Tupanciretã: 25 mil hectares (10º do RS)
- 📍 Júlio de Castilhos: 9 mil hectares (42º do RS)
- 📍 Jari: 9 mil hectares (43º do RS)
- 📍 São Sepé: 7 mil hectares (62º do RS)

📍 Santiago: 7 mil hectares (3º do RS)

Aveia (área plantada)

- 📍 Tupanciretã: 9 mil hectares (6º do RS)
- 📍 Júlio de Castilhos: 8,1 mil hectares (8º do RS)
- 📍 Cachoeira do Sul: 6,3 mil hectares (11º do RS)
- 📍 Jari: 5 mil hectares (18º do RS)
- 📍 São Sepé: 4 mil hectares (24º do RS)

Canola

- A faixa central do Estado é a 3ª região produtiva da canola, com

22% da área produtiva

- Área plantada neste ano na região ultrapassa os 45 mil hectares, 55% superior à área em 2022

Arroz (área plantada)

- 📍 Cachoeira do Sul: 24,3 mil hectares, perda de 18,3% com a cheia (10º do RS)
- 📍 São Sepé: 14,7 mil hectares, perda de 4,7% com a cheia (19º do RS)
- 📍 Restinga Sêca: 12,3 mil hectares (22º do RS)
- 📍 Cacequi: 11,1 mil hectares,

perda de 6,02% com a cheia (25º do RS)

- 📍 São Vicente do Sul: 9,1 mil hectares, perda de 1,2% com a cheia (27º do RS)

Arroz (produção)

- 📍 Cachoeira do Sul: 148,02 mil toneladas
- 📍 São Sepé: 104,1 mil toneladas
- 📍 Restinga Sêca: 89 mil toneladas
- 📍 São Vicente do Sul: 73,1 mil toneladas
- 📍 Cacequi: 67,7 mil toneladas

Fonte: Irga, 2023/24

Agronegócio

Silvicultura cresce nos Vales do Rio Pardo e do Taquari

Pequenos produtores criam novas áreas de eucalipto em meio ao cultivo do tabaco

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Se a produção de tabaco movimenta a economia da Região dos Vales, associada a ela está a plantação de eucaliptos e acácia negra, buscando a geração de energia para a própria atividade fumageira. Afinal, o processo da cura do tabaco do tipo Virgínia exige a secagem em estufas de lenha, com temperatura e umidade controladas. Mas, além da autossuficiência energética, os pequenos produtores têm utilizado os excedentes para complementação de renda.

A Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) iniciou há cerca de 40 anos um programa para incentivar os produtores de tabaco a realizarem o plantio florestal para obterem sua própria madeira. Aliado a isso, somam-se iniciativas do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), que começaram em meados de 1970.

“Isso é algo que os produtores de tabaco procuraram, porque também é uma forma de garantir a continuidade da atividade, não dependendo do mercado, por exemplo. E também para poder contar com madeira quando precisar. Começou a se aculturar. Veja, são 40 anos dessa história, e isso só foi se aprimorando ao longo dos anos”, avalia o gerente de Produção Agroflorestal da Afubra, Juares Pedroso.

Dessa forma, hoje, a cobertura vegetal média dos produtores de tabaco é superior à do



ARQUIVO AFUBRA/DIVULGAÇÃO/JC

Afubra tem projetos para incentivar plantio de eucaliptos há décadas

RS. Enquanto os agricultores possuem florestas em 27% do solo, o Estado tem a média de 15%, conforme apresentou o presidente do Sinditabaco, Valmor Thesing, durante o evento do Mapa Econômico do RS realizado pelo Jornal do Comércio, em Lajeado, no dia 10 de julho.

Os programas, inicialmente, forneciam mudas e informações para o melhor plantio das espécies. Hoje, melhorias genéticas estão associadas, tornando as árvores mais adequadas para seus objetivos: geração de energia e abastecimento de indústrias e serrarias. “Os clones entraram nesse universo com o melhoramento genético das espécies, entregando mais produtividade e uniformidade na floresta”, acrescenta Pedroso.

Além da necessidade de autossuficiência energética, produtores de outras culturas têm apostado no cultivo de eucalipto ou de acácia negra em áreas não utilizadas para plantio agrícola. Parte disso, pode ser explicado pelas características geográficas das regiões, localizadas ao

centro do Estado e contando com relevos acidentados.

A isso, soma-se a redução das famílias de pequenos agricultores, que, conseqüentemente, possuem menos mão de obra e diminuem as áreas plantadas nas propriedades. “Eles começam a concentrar suas ações nas lavouras principais e para o resto da área não têm perna. Aí vai virando capoeira, que é o estágio inicial de regeneração. Quando chega no estágio médio, a área não pode mais ser reconvertida e o produtor acaba literalmente perdendo ela”, explica o professor Jorge Farias, vinculado ao programa de pós-graduação em Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Maria.

Maiores áreas plantadas na faixa central do RS

- 📍 Encruzilhada do Sul
- 📍 Cachoeira do Sul
- 📍 Pantano Grande
- 📍 Taquari
- 📍 Cacequi

Zoneamento Ambiental da Silvicultura é atualizado

O Conselho Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul (Consema) aprovou no dia 10 de julho uma atualização no Zoneamento Ambiental da Silvicultura (ZAS), que regula os plantios florestais para fins comerciais no Estado. Assim, foi quadruplicada a quantidade de hectares de plantio permitidas para cada unidade de paisagem

natural por bacia hidrográfica.

Os critérios levam em consideração o solo, a vegetação, a fauna e a disponibilidade de água. Além disso, o Zoneamento passou a objetivar a garantia de que os plantios não interrompam os corredores ecológicos — áreas naturais que permitem o deslocamento de animais e a troca genética entre espécies.

A mudança foi comemorada pela Associação Gaúcha de Produtores de Florestas Plantadas (Agaflor). “O RS era, se não o único, um dos poucos estados que ainda tinha um zonamento tão restritivo”, afirmou o presidente da Agaflor, Mathias Almeida. Ele estima que o cultivo possa crescer entre 200 e 300 mil hectares na faixa central do Estado.

Agricultura familiar abastece com madeira as indústrias na região

Como forma de reverter a perda de áreas, o professor Jorge Farias, da UFSM, defende uma economia agroflorestal, associando atividades agropecuárias à silvicultura voltada ao abastecimento de empresas. Principalmente, ao considerar que o plantio de árvores para extração de madeira exige menos mão de obra.

Entre as empresas que já aderiram a esse circuito econômico está a Haas Madeiras, de Venâncio Aires, no Vale do Rio Pardo. Segundo o diretor da empresa, Junior Haas, a maior parte da matéria-prima utilizada pela madeireira é oriunda de pequenos produtores associados, a partir de um programa de fomento florestal que já está funcionando há cinco anos. Hoje, são pelo menos 200 famílias que contribuem com a oferta de eucaliptos e é possível que o número se expanda para até 2 mil famílias.

“Estamos vendo uma

sistemática bastante interessante na região, que é o desenvolvimento de um hub florestal baseado em oferta e demanda, que eu entendo que é o modelo mais favorável do ponto de vista socioeconômico, porque o mercado se autorregula de forma saudável. É diferente do que acontece com empresas grandes que possuem um poder econômico muito grande e geram uma dependência”, avalia Haas.

Por outro lado, há a presença da Dexco, que possui uma unidade florestal em Taquari, no Vale homônimo, e que conta com abastecimento de pequenos produtores de madeira da Região.

“É uma empresa verticalizada associada à Ageflor e que mostra que é possível, sim, termos hoje um programa de fomento integrando agricultura familiar a grandes projetos industriais”, comenta o professor Farias.

Cultivo de canola ganha impulso com biocomustíveis

A canola torna-se o destaque da safra de inverno no Rio Grande do Sul, conforme os levantamentos da Emater-RS. Em todo o Estado, a área a ser cultivada deve ser de 203,2 mil hectares — 37,41% a mais do que na safra anterior — e a perspectiva de produtividade quase 70% superior. A faixa central do Estado, de acordo com a entidade, deve concentrar 22% dessa área produtiva. É a terceira maior região produtiva da canola no Rio Grande do Sul, com 45,4 mil hectares plantados — 55% superior à área plantada em 2022. Há dois anos, conforme o IBGE, entre os municípios da região, somente Tupanciretã estava entre as maiores lavouras de canola no Estado.

De acordo com o diretor técnico da Emater, Claudinei Baldissera, a canola apresenta incremento de área em virtude da sua liquidez e do alto fomento da indústria. É o caso da 3tentos, que investe para, no Norte do

Estado, ter a primeira indústria “flex” de biocombustível, com produção tanto a partir da soja quanto da canola. E para isso, tem investido em pesquisa e incentivo à produção no Centro do RS e na Metade Sul.

“A nossa prioridade sempre esteve em oferecer o melhor para o crescimento dos nossos clientes, que são os produtores rurais. Por isso, a nossa aposta na canola, que tem o dobro da capacidade de geração de óleo por grão em relação à soja, em uma nova cultura de inverno para o Rio Grande do Sul. Todo o restante do Brasil tem uma segunda safra forte, no RS, enquanto plantamos 9 milhões de hectares no verão, no inverno, não chegamos a cobrir nem 3 milhões de hectares. São 6 milhões de hectares de potencial, ainda com a possibilidade, pela rotação de culturas, de fortalecer a cultura do trigo também no inverno”, diz o CEO da 3tentos, João Marcelo Dumoncel.

Agronegócio

Cooperativas têm soluções criativas para a produção láctea no RS

Vale do Taquari concentra a terceira maior bacia leiteira do Rio Grande do Sul

A produção de leite no Vale do Taquari, onde se concentra a terceira maior bacia leiteira do Estado, foi um dos setores bastante prejudicados pelos estragos provocados pela cheia. A estimativa da Emater é de que 2.451 vacas morreram durante os eventos de 2024, com sete mil produtores prejudicados e mais de 9,6 milhões de litros de leite não coletados.

Em fase de recuperação de suas unidades produtivas, a cooperativa Dália estimula a criação de um sistema de condomínios de produtores entre os seus associados e fornecedores como forma de fortalecer pequenos produtores da região.

É uma experiência que já é comum na cadeia avícola e também é implantada entre suínos e produtores. Entre os produtores de aves ligados à Dália, já são 10 condomínios na região, e entre os produtores de leitões, outros

cinco. Agora, de acordo com o presidente do conselho da cooperativa, Gilberto Piccinini, já foram implantados os quatro primeiros condomínios leiteiros.

“Estimulamos a união de produtores por proximidade, com o agrupamento das vacas, da área e com uma diretoria eleita. Eles passam a produzir coletivamente, ganhando maior poder de negociação de preços e de estruturação. Sabemos que o produtor, hoje, com 10 a 20 vacas, não tem mais futuro, e muitas vezes o produtor não tem a experiência nem o conhecimento necessário para agir como uma empresa, de fato. O papel da cooperativa nessa relação, além da negociação e compra do leite, é o investimento na assistência técnica, na criação de estatutos e organização dos condomínios. Somos ainda intervenientes no sistema financeiro”, detalha Piccinini.

Segundo o dirigente, logo após a cheia, com as dificuldades logísticas, parte dos produtores passou a fornecer para outras empresas, mas nos últimos meses a cooperativa

teria recuperado boa parte dessa rede. O complexo de lácteos da Dália, que hoje opera com 70% da sua capacidade, está concentrado entre Encantado e Arroio do Meio. Uma das apostas para aumentar a rentabilidade da sua produção e do uso completo da matéria-prima, como o soro que sobra da produção do leite UHT, a cooperativa planeja entrar no ramo dos achocolatados.

Outra cooperativa do Vale do Taquari, a Languiru também inova para fortalecer a sua presença no setor leiteiro. Neste caso, a estratégia foi ampliar o território de relações com os produtores. A cooperativa passou a atuar entre produtores da Quarta Colônia, na Região Central do Estado, e eles já respondem por 11% do leite captado pela Languiru.

Dentro do plano de recuperação da Languiru, foi estabelecida uma parceria na produção de leite com a Lactalis, que, a exemplo da cooperativa, tem seu laticínio em Teutônia. Hoje, todo o leite captado entre os associados da Languiru são enviados pela Lactalis.

“Quando ampliamos a nossa rede de produtores associados, estamos vendendo este leite à Lactalis. Estabelecemos uma parceria que dá maior segurança ao produtor e aumenta a confiança na cooperativa”, aponta o presidente da Languiru, Paulo Birck.

Atualmente, 250 mil litros de leite por mês são garantidos para a própria Languiru, que, no seu laticínio, produz iogurte, nata, doce de leite e, neste segundo semestre, lança uma



Complexo da Dália está localizado entre Encantado e Arroio do Meio

nova linha de iogurtes naturais. A cooperativa tenta viabilizar ainda uma nova linha de queijos.

De acordo com o superintendente administrativo e financeiro, Gustavo Marques, o plano é, ainda neste segundo semestre, retomar a produção e envase do leite UHT próprio, ainda sem definição da quantidade a ser produzida. “Temos estudado ainda uma parceria com a Lactalis para produzirmos whey protein a partir da linha de produção deles com a marca da cooperativa”, diz Marques.

A cooperativa completa 70 anos em 2025. Com um total de 1,3 mil produtores associados, em torno de 1 mil são do setor leiteiro.

Principais municípios produtores de leite

- ▶ Anta Gorda
- ▶ Estrela
- ▶ Teutônia
- ▶ Arroio do Meio
- ▶ Júlio de Castilhos

Laticínios

- ▶ Estrela (Latvida, Tangará)
- ▶ Teutônia (Languiru, Lactalis)
- ▶ Anta Gorda (Cotrilac)
- ▶ Encantado (Dália)
- ▶ Passo do Sobrado (Baky)
- ▶ Doutor Ricardo (Don Miro)

Erva-mate do Alto Taquari deve ter selo de qualidade próprio

São pelo menos 35 produtores de erva-mate da Região do Vale do Taquari envolvidos no processo de pesquisa, que vai desde o levantamento

das características do solo, das plantas e das técnicas de plantio para que a região se torne a segunda no Rio Grande do Sul reconhecida com a

identificação geográfica entre os pólos gaúchos de produção.

Mais de 50% da produção gaúcha de folhas verdes de mate saem justamente do Alto Taquari. Será como um selo para atestar a qualidade do produto gaúcho que já garante à região o predomínio nas exportações nacionais de mate.

Mesmo respondendo por apenas um terço da produção brasileira, o Rio Grande do Sul, nos primeiros seis meses deste ano, foi responsável por 68% das vendas brasileiras de erva mate ao exterior.

Em todo o ano passado, o município de Encantado, onde está a Baldo, exportou 21,8 mil toneladas, ou 64,8% das exportações gaúchas de mate. Nos seis primeiros meses deste ano, o município já exportou

US\$ 26,9 milhões neste produto, que responde por 66% de tudo o que as empresas locais negociam no exterior, com crescimento de 10% em relação aos valores negociados no mesmo período do ano passado, tendo o Uruguai como principal destino.

O município é o 39º maior exportador gaúcho neste ano. Mesmo com uma perda estimada de 10% da produção com os estragos provocados pela cheia do ano passado, os prejuízos foram mais concentrados em áreas de plantio no Vale do Rio Pardo.



RS respondeu por 68% das exportações de erva-mate no 1º semestre no País

A produção de erva-mate na faixa central do Rio Grande do Sul

Erva-Mate (área plantada)

- ▶ **Ilópolis:** 6 mil hectares (1º do RS)
- ▶ **Arvorezinha:** 4,6 mil hectares (2º do RS)
- ▶ **Anta Gorda:** 2,6 mil hectares (3º do RS)
- ▶ **Putinga:** 1,3 mil hectares (5º do RS)

Erva-Mate (produção)

- ▶ **Ilópolis:** 54 mil toneladas (1º do RS)
- ▶ **Arvorezinha:** 51,7 mil toneladas (2º do RS)
- ▶ **Anta Gorda:** 22,5 mil toneladas (3º do RS)
- ▶ **Putinga:** 12,7 mil ton (6º do RS)

FONTE: IBGE, 2023

Agronegócio

Vale do Taquari aproveita alta na suinocultura

Novos mercados foram abertos e exportações são alavancadas

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

“Este é o ano da retomada.” É desta forma que o presidente do conselho da cooperativa Dália, Gilberto Piccinini define 2025, após dois anos com eventos de enchentes que atingiram em cheio a unidade industrial da cooperativa em Encantado, e boa parte da sua cadeia produtiva, especialmente no setor de suínos.

O momento do mercado, agora, é positivo, e a Dália surfa na onda de abertura de novos mercados ao produto suíno gaúcho. Nos primeiros seis meses deste ano, a cooperativa garantiu um aumento de 95% no volume de carnes suínas negociadas com o exterior, a partir da sua produção em Encantado, no Vale do Taquari.

“No ano passado, logo após a cheia, a abertura do



No primeiro semestre deste ano, a Dália expandiu em 95% os embarques de carne suína para o exterior

mercado nas Filipinas foi uma tábua de salvação, com preços muito positivos. O setor inteiro ainda aguarda a abertura do mercado chinês para cortes com osso e miúdos,

mas seguimos abrindo novas fronteiras”, diz o dirigente.

Entre os novos mercados, estão, por exemplo, Chile e República Dominicana. Do total de US\$ 11 milhões negociados

com outros países, porém, mais de US\$ 6 milhões foram com os compradores das Filipinas.

As regiões do Vale do Taquari e do Rio Pardo respondem por 30% da produção

industrial gaúcha de suínos. Dados da Fundação de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa) mostram que, entre janeiro e abril, foram 3,4 milhões de abates de suínos no Rio Grande do Sul nos primeiros quatro meses do ano. Uma alta de 3,67% em relação ao mesmo período do ano passado. Um movimento que já era observado no pós-
-cheia do ano passado.

A Dália conta com aproximadamente 400 produtores de suínos associados. A partir da sua indústria de rações, a cooperativa tem atuado para fornecer suprimentos aos criadores a custos reduzidos, como forma de recuperação da produção de proteína animal na região atingida pelas cheias de 2023 e 2024.

O objetivo, de acordo com Piccinini, é retomar a produção na capacidade disponível em seu parque industrial. Atualmente, aponta o presidente, a produção responde por cerca de 80% da capacidade da fábrica.

Cadeia da proteína animal na faixa central do RS

Criação de suínos

- Teutônia: 9,1 mil suínos
- Dois Lajeados: 6,7 mil suínos
- Roca Sales: 6,2 mil suínos
- Capitão: 5,8 mil suínos
- Anta Gorda: 5,4 mil suínos

Frigoríficos suínos

- Lajeado (BRF)
- Encantado (Dália)
- Arroio do Meio (JBS)
- Santa Cruz do Sul (Excelsior)

Criação de aves

- Westfália: 435 mil frangos
- Fazenda Vilanova: 426 mil frangos
- Taquari: 372 mil frangos
- Teutônia: 280 mil frangos
- Cruzeiro do Sul: 262 mil frangos

Frigoríficos avícolas

- Lajeado: BRF e Minuano
- Arroio do Meio: Dália

- Westfália: Languiru e JBS
- Santa Cruz do Sul: Panke
- Rio Pardo: Bom Frango

Municípios com maiores rebanho de bovinos de corte

- Santiago: 181,5 mil cabeças
- São Francisco de Assis: 170,8 mil cabeças
- Cachoeira do Sul: 132,2 mil cabeças
- Cacequi: 118,4 mil cabeças
- São Sepé: 103,9 mil cabeças

Frigoríficos bovinos

- Bom Retiro do Sul (Coopsul)
- Santa Maria (Frigorífico Silva)
- Júlio de Castilhos (Castilhos)
- Venâncio Aires (Boi Gaúcho)
- Teutônia (Frigoval)
- Pantano Grande (Comesul Beef)

Fonte: IBGE 2023, Abrafrigo

Após gripe aviária, setor avícola é reforçado na região

A partir do Vale do Taquari, a cooperativa Languiru, em pleno movimento de recuperação, acompanhou e monitorou atentamente a crise provocada no setor de frangos pela gripe aviária. Passada a apreensão, com a reabertura de mercados, a expectativa é chegar, em agosto, à capacidade plena de 150 mil aves abatidas diariamente na planta industrial de Westfália.

A produção aviária é a mais representativa do

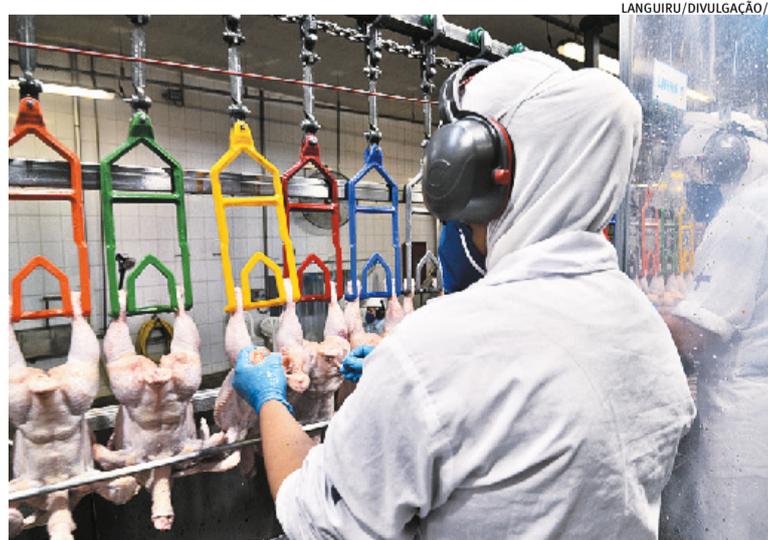
modelo de parcerias estabelecido na recuperação da cooperativa. Neste caso, com a JBS. Do total de 150 mil aves pesadas – com cortes em torno de 3 quilos –, 40 mil são destinadas à produção própria da Languiru. O restante, vai ao mercado pela multinacional.

“Hoje, o associado está voltando, retomando a confiança na Languiru. E isso foi essencial para levarmos adiante o plano de aumento

de aves abatidas pela cooperativa. Houve aumento de quase 80% na demanda por frangos. Tem sido um ano muito bom para nós”, valoriza o presidente da Languiru, Paulo Birck.

É que, a partir de março deste ano, a JBS migrou a sua produção em Westfália para as chamadas aves pesadas, que já eram operadas pela Languiru. Até então, na mesma indústria, eram processadas as pesadas para a cooperativa e as leves, em torno de 1,4 quilos, para a JBS. “A mudança abriu caminho para um investimento importante em maquinários, que deve estar pronto em agosto, e na geração de empregos”, diz o superintendente Gustavo Marques.

Desde o ano passado, 190 pessoas foram contratadas para a planta de Westfália, e nos próximos meses, até 150 devem ainda ser contratadas. Atualmente, a cooperativa que, antes da recuperação judicial, chegou a ter três mil funcionários, tem 1,1 mil trabalhadores.



Languiru espera chegar à capacidade de 150 mil aves abatidas por dia

Indústria de rações ganha fôlego

Os estragos deixado pela cheia no Porto de Estrela atingiram a capacidade de armazenamento de grãos, com as destruições de estruturas da Camera e Nutritec. E aí, o plano de recuperação da Languiru foi fundamental também como solução

logística. Com a retomada da indústria de rações, às margens da BR-386, em Estrela, os silos secadores serviram de socorro aos produtores. O reforço na produção aviária tem vitaminado também o plano de crescimento da cooperativa no ramo das rações.

Olivicultura e Vitivinicultura

Encruzilhada do Sul se destaca na produção de azeites e vinhos

Encravada na Serra do Sudeste, no Paralelo 31, região conta com terroir que torna o município a nova fronteira de culturas com alto valor agregado

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Encravada na Serra do Sudeste, a 400 metros de altitude, no Paralelo 31, Encruzilhada do Sul, no limite entre o Vale do Rio Pardo e a Campanha, tem um terroir que torna o município a nova fronteira de culturas com alto valor agregado, que resultam em azeites e vinhos consagrados em concursos internacionais.

Reforçado ainda pelo boom do plantio florestal, a estimativa é de que, nos últimos 10 anos, o preço das áreas triplicou. “Estamos na Toscana brasileira”, define Diogo Durigon, um dos sócios da vinícola Pedras da Quinta.

Não à toa, rapidamente Encruzilhada se tornou o município líder no cultivo de olivais no Estado. Conforme o governo municipal, são 27 propriedades, que totalizam 720 hectares. Representam 11% de toda a área plantada no RS. Boa parte desse prestígio foi desenvolvida pelo casal paulista Bia Pereira e Bob Vieira da Costa. Da Fazenda Sabiá da Vigia saem azeites com a marca Azeite Sabiá, que já acumula 140 prêmios nacionais e internacionais.

“Eu não tenho dúvida de que Encruzilhada é a nova fronteira produtiva. Temos aqui um solo com uma calota seca, pouco propício a outras culturas, mas para os olivais, as uvas e a noz-pecã, por exemplo, muito adequado. Tem o frio necessário para a cultura, com menores

índices pluviométricos do que na Campanha, por exemplo, com luminosidade o dia todo e bastante vento. Além da resiliência de estarmos no alto da Serra do Sudeste, não tão sujeitos a eventos como a cheia do último ano”, detalha Costa.

O casal já produzia na Serra da Mantiqueira, em São Paulo, e, com planos de expandir a produção, visitaram a Olivas do Sul, em Cachoeira do Sul. E logo conheceram o município vizinho. Foi certo. Em 2018, iniciaram o cultivo em uma área de 110 hectares. A primeira colheita aconteceu em 2023, ano de pico da produção gaúcha, com 22 mil litros de azeite. Em todo o Estado, houve 29% de crescimento naquele ano, chegando a 580,2 mil litros.

Já no ano passado, com o excesso de chuvas, houve quebra, e a produção caiu para 193,1 mil litros. Na Azeite Sabiá foram 10 mil litros. A perspectiva para este ano, aponta Bob da Costa, é uma pequena recuperação, chegando a 15 mil litros. “Mesmo com uma safra de quebra, no ano passado conseguimos resultados melhores do que em outras áreas do Estado. A nossa previsão é de que em 2026, sim, teremos um ano de plena recuperação. Tivemos uma boa quantidade de frio contínuo, garantindo boa floração. A expectativa, para podermos garantir a recuperação, é de que setembro não seja 100% chuvoso”, prevê.

Entre as vantagens competitivas do azeite produzido em Encruzilhada do Sul está a presença do lagar dentro da propriedade. Em todo o RS, são 25 fábricas de azeite que dão vazão à produção local. No caso do Sabiá, há ainda mais uma vantagem na infraestrutura. Os empresários criaram um lagar

subterrâneo, construído sob medida para a produção.

“Ter o lagar na propriedade nos dá um ganho logístico e de qualidade final no produto incrível. A deterioração da azeitona é imediata após a colheita. Quanto mais rápido é extraído, melhor é o azeite, e menor é o risco de fermentação. Assim, ganhamos maior proteção da luz e do calor, além de representar um ganho ambiental na nossa produção”, conta Bia.

Todo o processamento é feito a 21 graus. Algo que, de modo convencional, exige um sistema de refrigeração artificial. Além da produção, eles também mantêm o armazenamento do azeite nessa estrutura abaixo da terra. E a cadeia verticalizada na propriedade conta ainda com um caminhão refrigerado que leva as azeitonas dos olivais ao lagar. É uma corrida contra o tempo. A estimativa é de que a extração precisa acontecer em no máximo duas horas após a colheita. O resultado, assegura Bia, é um produto diferenciado no mercado brasileiro, e com uma imensa oportunidade de crescimento. As entidades do setor estimam que menos de 1% dos consumidores brasileiros conhecem o azeite nacional.

“Claro, não é o mesmo produto dos grandes envasadores, que geralmente usam um blend de azeitonas. O nosso produto é diferenciado, e por isso o valor agregado também não se compara. Mas a qualidade é muito superior, e isso é o que estamos apresentando aos poucos ao consumidor brasileiro”, garante Bia.

Os produtores de azeite da região trabalham atualmente pela criação de uma identificação geográfica para o produto de Encruzilhada do Sul e da Serra do Sudeste.



Produtores de azeite trabalham pela criação da identificação geográfica

Azeites e vinhos na faixa central do RS

Cultivo de oliveiras

- Encruzilhada do Sul (R\$ 4,9 milhões valor da produção)
- Cachoeira do Sul (R\$ 993 mil valor da produção)
- São Sepé (R\$ 530 mil valor da produção)
- Restinga Seca (R\$ 217 mil valor da produção)
- Pantano Grande (R\$ 81 mil valor da produção)

Produção de azeites

- Encruzilhada do Sul
- Cachoeira do Sul
- Restinga Seca

Cultivo de uvas

- Encruzilhada do Sul (R\$ 22,8 milhões valor da produção)
- Jaguari (R\$ 3,4 milhões valor da produção)
- Sobradinho (R\$ 2,4 milhões valor da produção)

- Ibarama (R\$ 2,3 milhões valor da produção)
- Cacequi (R\$ 1,6 milhão valor da produção)

Produção de vinhos

- Encruzilhada do Sul (1 vinícola ativa)
- Jaguari (2 vinícolas ativas)
- Sobradinho (2 vinícolas ativas)
- Ibarama (1 vinícola ativa)
- Cacequi (1 vinícola ativa)

Cultivo de noz-pecã

- Cachoeira do Sul (R\$ 21,1 milhões valor da produção)
- Santa Maria (R\$ 1,6 milhão valor da produção)
- São Pedro do Sul (R\$ 667 mil valor da produção)
- Rio Pardo (R\$ 637 mil valor da produção)
- Santiago (R\$ 595 mil valor da produção)

Fazenda no Vale do Rio Pardo desenvolve espumante que deve chegar ao mercado neste ano

Na mesma propriedade, o casal desenvolve o seu Cave Sabiá, um espumante que deve chegar ao mercado ainda neste ano. Será a primeira experiência comercial deles em relação ao cultivo de uvas em Encruzilhada do Sul. São seis hectares plantados, com a vinificação já nas duas últimas safras, ainda sem chegar ao mercado.

Mesmo não ocupando as posições de liderança do Estado, como já acontece com as azeitonas ou com a silvicultura, a produção de uvas de Encruzilhada do Sul já representam alto valor agregado. Um levantamento do IBGE mostra que a safra de 2023 de azeitonas, por exemplo, gerou R\$ 4,9 milhões no município – o maior

rendimento do Rio Grande do Sul. Já na produção de uvas, mesmo ocupando a 25ª posição no Estado na quantidade produzida, gerou, no mesmo ano, R\$ 22,8 milhões aos produtores locais, ficando atrás, em rendimento, de Santana do Livramento entre os produtores da Metade Sul do Estado.

Em Encruzilhada do Sul,

também pela sua geografia e característica do solo – que não são ideais para os grãos, como a soja –, os riscos da deriva de produtos químicos de outras lavouras, principalmente da soja, não atingem com tanta força as duas culturas altamente valorizadas. Em Jaguari, por exemplo, onde está a segunda maior produção de

uvas deste eixo central do Estado, no Vale do Jaguari, nos últimos três anos, foram produzidos 820 mil litros de vinho.

No entanto, entre 2022 e 2024, a produção de vinhos na localidade, que está entre as grandes áreas de expansão da soja, reduziu em 51%, caindo de 350 mil litros em 2022 para 170 mil litros em 2024.

Turismo

Cristo de Encantado atrai investimento ao Vale do Taquari

Estabelecimentos já tradicionais do município se reinventaram e abriram os braços para o turismo

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Em 2021, uma ideia audaciosa começou a sair do papel em Encantado, no Vale do Taquari: o maior monumento de Jesus Cristo do mundo — até mesmo do que o Cristo Redentor carioca — teve sua cabeça e seus braços içados. A estrutura foi oficialmente inaugurada em abril de 2025 e, desde então, tem recebido cerca de 35 mil turistas por mês. A conjuntura elevou a confiança de investidores e empreendedores locais, especialmente no setor de serviços.

A cidade de pouco menos de 23 mil habitantes passou a se reinventar. Estabelecimentos já tradicionais se ampliaram e abriram os braços para atender ao público de visitantes que passou a frequentar o município. É o caso do Hotel Rizzi, instalado na RS-129 há mais de 30 anos. Se, antes, os dormitórios eram

ocupados apenas durante a semana pelo turismo de negócios, hoje, uma reforma precisou aumentar o número de leitos para dar conta dos hóspedes que chegam aos finais de semana. “Aumentei 10 apartamentos e já tenho reservas até para outubro e novembro”, avalia a proprietária Adriana Rizzi, de 55 anos.

O movimento também possibilitou que os recursos de Adriana circulassem mais pelo município. Conforme ela relata, mais uma funcionária foi contratada para dar conta das demandas dos finais de semana. “E isso gira para todo mundo, para a senhora que eu compro bolo, para outra que eu compro salgado. Enfim, é uma cadeia”, comemora. O marketing do estabelecimento também mudou: hoje, até mesmo o logo referencia o atrativo turístico de Encantado.

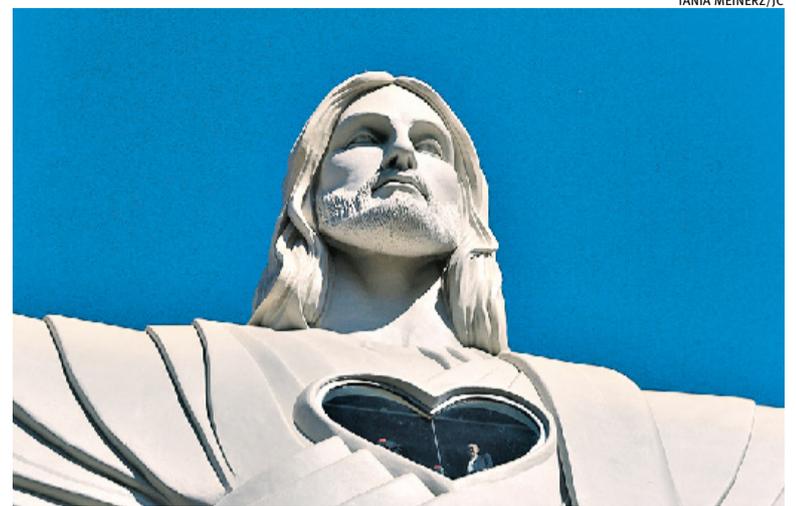
No Centro da cidade, a Padaria Dal Pizzol estima ter ampliado suas vendas entre 5% e 15% a depender do movimento do mês. “Seguidamente tem aparecido excursões, micro-ônibus durante a semana e aos finais de semana. Isso aquece principalmente a área de alimentação.

Tem sido bem positivo, estamos muito contentes”, pontua o sócio-proprietário Roni Dal Pizzol.

A percepção é compartilhada por Rafael Fontana, presidente da Associação dos Municípios de Turismo do Vale do Taquari (Amturvaes) e conselheiro-administrativo da Associação Amigos de Cristo, que é responsável pelo monumento. “A região já vinha se preparando com serviços de alimentação e hospedagem. Com o Cristo Protetor, foi feita uma integração da região, fortalecendo mais os empreendimentos. Hoje, o turista visita outros empreendimentos da região como um todo, até porque os municípios ficam muito próximos”, pontuou.

Um desses empreendimentos pensados antes mesmo da inauguração da nova atração foi o M Container, um gastrobar na RS-129 com um deque que oferece uma vista privilegiada ao rio Taquari. O negócio é chefiado por Márcia Finatto, artesã e professora que optou por empreender após seu ateliê ser atingido por uma enchente em 2020.

“Estava totalmente descreditada e desanimada, não via porque recomeçar. Mas, em



TÂNIA MEINERZ/JC

Atração inaugurada em abril recebe cerca de 35 mil turistas por mês

abril do ano seguinte, içaram os braços e a cabeça do Cristo. Isso foi para a mídia e deu uma repercussão. Voluntária ou involuntariamente, todo mundo viu uma luz no fim do túnel, uma esperança para Encantado que, até então, tinha poucas empresas”, comenta.

As sucessivas enchentes de 2023 e 2024, entretanto, frustraram o negócio de Márcia. Principalmente, com a interdição da estrada onde o restaurante está instalado, após o desabamento de encostas à beira da rodovia. O empreendimento continuou, mas o público ainda não é o suficiente para dar conta das dívidas contraídas pelas perdas no período.

Márcia acredita que um ponto sensível ainda seja a retenção dos visitantes no município. “O

movimento se acoplou praticamente só nas proximidades do boulevard do Cristo, que detém a gastronomia e o ingresso. O público só entra na cidade para visitar a igreja. Na RS-129, nenhum ônibus para no meu café porque eles já vêm com roteiros prontos. Isso é um trabalho que a longo prazo poderia ser revertido”, considerou.

Esse é um dos pontos com os quais a Associação Amigos de Cristo tem trabalhado. “Temos, nos próximos cinco anos, no mínimo de cinco a dez novos empreendimentos próximos ao monumento que vão ampliar o fluxo de turistas e aumentar a permanência na região, porque o visitante define sua viagem pela quantidade de experiências que vai poder ter no local”, projeta Fontana.

Geoparques fomentam economias locais nas Regiões Central e Vale do Jaguari

A Região Central e o Vale do Jaguari concentram geoparques que preservam o patrimônio geológico e paleontológico brasileiro. As instalações atraem visitantes interessados na história terrestre, contada por fósseis e florestas petrificadas.

Destinos comuns são Mata, no Vale do Jaguari, e São Pedro do Sul, na Região Central, com árvores petrificadas espalhadas por praças e ruas e um jardim paleobotânico de 200 milhões de anos. A fossilização preservou características da estrutura

anatômica da floresta de coníferas que existiu na região.

Embora seja difícil estimar quantos turistas vão ao município, o Museu de Mata, por exemplo, tem recebido uma média de 5 mil pessoas, quase o mesmo número de moradores locais. “Se o visitante chegar lá e consumir qualquer coisa, isso já está ajudando o comércio local”, avalia o professor do curso de Geologia da UFSM Átila Augusto Rosa.

A contribuição econômica e social dos geoparques vai muito além disso: “esse turismo parte de um desenvolvimento sustentável de base local, com a ideia de que todo mundo aprenda sobre os fósseis preservados aqui e que todos possam ganhar com isso, seja pelo conhecimento, por oportunidades de empreender ou até mesmo de lazer”, pontua.

No caso dos dinossauros, a Região Central é um prato cheio. De acordo com o paleontólogo e docente da UFSM Adriano

Figueiredo, é possível que eles tenham surgido lá entre 250 e 240 milhões de anos atrás. É por esse motivo que alguns dos fósseis mais antigos do mundo estão no local. Assim, foi criado o Geoparque da Quarta Colônia, que recebeu em 2023 reconhecimento da Unesco e reúne nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.

“O que se busca é desenvolver o protagonismo e o empreendedorismo nos territórios a partir do patrimônio. Isso vem na forma de artesanatos, cervejas e vinhos que levam o rótulo do patrimônio geológico do município ou até mesmo pratos gastronômicos que fazem parte da cultura local e que são batizados em função de algum elemento geomorfológico”, avalia Figueiredo, que se envolveu na criação do geoparque.

Essa é uma forma de fazer

com que o PIB traga impacto direto na vida da população: “São construções de baixo para cima e partem de um anseio da própria sociedade, fazendo com que os cidadãos se envolvam no processo. Isso cria identidade. A sociedade vai se apropriando do patrimônio, passa a ter orgulho daquilo, e começa a se arriscar para empreender”, acrescenta o paleontólogo.

A chancela da Unesco tem contribuído para ampliar a credibilidade e a autoridade do projeto. Por isso, Figueiredo diz ter sido possível discutir investimentos com o Ministério e com a Secretaria Estadual de Turismo.

O Comitê Estadual de Gestão dos Geoparques, coordenado pela Secretaria de Turismo (Setur), também tem feito discussões para propor ao governo do RS um documento conjunto entre os geoparques gaúchos para desenvolver ações dentro desses territórios. Não há previsão de andamento do processo.



PREFEITURA DE MATA/DIVULGAÇÃO/JC

Em Mata, praça conta com troncos petrificados e atrai turistas

Painel

Evento do Mapa Econômico do RS reuniu lideranças regionais para debate em Lajeado

Encontro para discutir as oportunidades e os desafios ao desenvolvimento econômico das Regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari e Jacuí Centro aconteceu no dia 10 de julho na Associação Comercial e Industrial de Lajeado.



Giovanni Jarros Tumelero, diretor-presidente do JC



Prefeita de Lajeado, Gláucia Schumacher



Angelo Fontana, presidente da CIC do Vale do Taquari



Ilvo Poersch, superintendente da cooperativa Certel



Diego Tomasi, diretor da Tomasi Logística



Prefeita de Estrela, Carine Schwingel



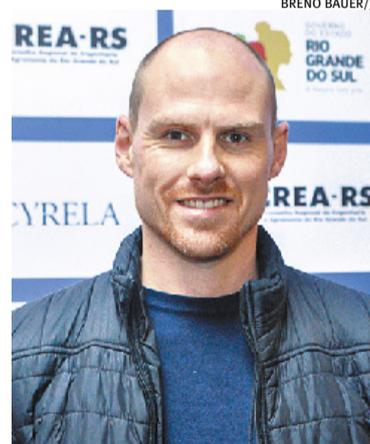
Prefeito de Arroio do Meio, Sidnei Eckert



Daniel Silva, diretor comercial da incorporadora Cyrela



Heron Begnis, pró-reitor administrativo da Unisc



Gustavo Trapp, sócio-proprietário da Resoluto



Sandro Kirst, Andréia Dullius e Rogério de Assis Brasil, da Secretaria Estadual de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul



Líderes de operações do CIEE-RS, Marielle Schuster e Thais Schuster, e a gerente operacional do CIEE-RS em Lajeado, Kátia Bohmer (centro)



Everson Oppermann, presidente de honra da Câmara Brasil Alemanha



Leonel Garibaldi e Marcos Hüttman, secretários de Desenvolvimento Econômico, respectivamente, de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires



TÂNIA MEINERZ/JC

Painelistas do evento foram Valmor Thesing, do Sinditabaco; Gilberto Piccinini, da Cooperativa Dália Alimentos; e Alexandre Heineck, da indústria Docile

Mais de uma centena de lideranças participaram do evento em Lajeado e deram suas contribuições sobre o desenvolvimento econômico da região; painelistas aprofundaram debate sobre as oportunidades e desafios



BRENO BAUER/JC

Giselda Hahn, presidente da CDL Lajeado



BRENO BAUER/JC

Joni Zagonel, presidente da Acil



TÂNIA MEINERZ/JC

Fernanda Ost, gestora de inovação e tecnologia do Inova RS



BRENO BAUER/JC

Leticia Pereira, gerente de assuntos corporativos; e Francieli Marth, coordenadora administrativa da China Brasil Tabacos Exportadora



BRENO BAUER/JC

Gilmar Piovezan, diretor-administrativo da Mútua RS; e Maria Klein, sócia-proprietária da Cimarq



BRENO BAUER/JC

Márlon Bentlin, gerente regional do BRDE



TÂNIA MEINERZ/JC

Daniel Bergesch, presidente do Sinduscon no Vale do Taquari; e Matheus Borges dos Santos, assessor técnico da presidência do Crea-RS



BRENO BAUER/JC

Jairo Valandro, secretário de Desenvolvimento Econômico de Lajeado; e Adriana Machado, sócia-proprietária da Muram Arquitetura



TÂNIA MEINERZ/JC

Pedro Gasparotto, Mariana Pimentel, Augusto Antoniazzi, Rômulo Pozzebon e Augusto Markus, da Ável

MAPA ECONÔMICO
DO RS 2023

Indicadores do presente,
tendências para o futuro.

Edição Garibaldi | 07 de agosto | 17h | CIC Garibaldi

Painelistas confirmados



Neco Argenta

Presidente
do Grupo Argenta



Maria Anselmi

Fundadora e CEO
da Malharia Anselmi



Oscar Ló

Presidente da
Cooperativa Garibaldi

Conexões que fortalecem o desenvolvimento das regiões
da Serra, Hortênsias, Campos de Cima da Serra,
Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí



Escaneie o QR Code
e veja como foram
as edições de 2024.



Entre em contato
e saiba como participar
do projeto.
(51) 3213.1338
comercial@jornaldocomercio.com.br

Realização

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

Patrocínio especial



Patrocínio



Apoio



Mídia partner

